

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA

JOSÉ ALBERTO BATISTA FILHO

**“DE VERDE E ROSA, EU VOU”: LUGAR GEOPSÍQUICO E A ESCOLA DE
SAMBA BONECOS COBIÇADOS**

JUIZ DE FORA

2022

JOSÉ ALBERTO BATISTA FILHO

**“DE VERDE E ROSA, EU VOU”: LUGAR GEOPSÍQUICO E A ESCOLA DE
SAMBA BONECOS COBIÇADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Licenciado em Geografia, sob orientação da Professora Doutora Juliana Maddalena Trifilio Dias.

JUIZ DE FORA

2022

JOSÉ ALBERTO BATISTA FILHO

“De verde e rosa, eu vou”: Lugar Geopsíquico e a Escola de Samba Bonecos Cobiçados

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Licenciado em Geografia sob orientação da Professora Doutora Juliana Maddalena Trifilio Dias.

Aprovada em (11) de (agosto) de (2022)

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Juliana Maddalena Trifilio Dias - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Valéria do Carmo Amorim
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Cássio Lopes da Cruz Novo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico esse trabalho à minha irmã e amiga

Ana Cecília.

Agradecimentos

Primeiramente eu agradeço ao Chico da Julia, Toninho da Tininha, Normando, Avelino, José Lopes, e outros que, na década de 1950, fundaram a mais antiga escola de samba de Guaratinguetá, o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Bonecos Cobiçados, e permitiram que uma comunidade verde e rosa se criasse na cidade.

Agradeço a minha mãe, Nalva Rejane. Sem ela eu não teria conhecido o carnaval, o Bonecos Cobiçados, feito um curso de licenciatura e desenvolvido esse trabalho.

A minha irmã, Ana Cecília, a quem dedico essa monografia e agradeço por todo o suporte que me ofereceu ao longo da graduação e na escrita desse trabalho, seu apoio é insubstituível.

Agradeço ainda às minhas amigas Ana Júlia, Gláucia e Laura que estiveram comigo ao longo de todo o percurso da graduação e tornaram a experiência acadêmica única. Agradeço a Yasmine, que mesmo a distância sempre esteve presente. Assim como Dominique, Denis e Lucimar, que participaram da elaboração desse trabalho e me apoiaram sempre que necessário.

Ao grupo GhEnTE – Geografia Humanista-Ensino Teoria-Experiência, onde conheci pessoas incríveis que me inspiram. Agradeço imensamente ao meu cachorro, Aquiles, que diariamente me alegra.

Por fim, agradeço a professora Juliana por todos os momentos em que me disse sim ao longo da graduação. Seu apoio e seu conhecimento me inspiram diariamente a buscar sempre ser humano enquanto pessoa, professor ou pesquisador.

*Mais vale a simplicidade, a buscar mil novidades e criar complicação
Esquecer o bom e o útil, renegar o que é nosso gera insatisfação.*

Imperatriz Leopoldinense, 1995.

Resumo

“De verde e rosa eu vou”: Lugar Geopsíquico e a Escola de Samba Bonecos Cobiçados

Resumo: Este trabalho se propõe a investigar os possíveis lugares geopsíquicos de pessoas vinculadas à Escola de Samba Bonecos Cobiçados, da cidade de Guaratinguetá – SP. Para tanto, teremos como base a Geografia Humanista de base psicanalítica para discutir os afetos que atravessam as relações de pessoas com o lugar, no caso, com o Bonecos Cobiçados, por meio dos processos psíquicos. Isso será realizado por intermédio das entrevistas realizadas com membros da agremiação, com o intuito de ouvir sobre suas relações com a escola de samba Bonecos Cobiçados, permitindo, por meio da palavra, a observação das suas realidades geográfica e psíquicas.

Palavras-chave: lugar geopsíquico; carnaval; escola de samba; Guaratinguetá.

Abstract

"In green and pink I will go": Geopsychic Place and The School of Samba Bonecos Cobiçados

Abstract: This research intends to investigate possible geopsychic places of people associated with the School of Samba Bonecos Cobiçados, from the city Guaratinguetá (SP). We will utilize Humanist Geography of psychoanalytic basis to discuss the feelings of affection that surpass the relationship of people with places by means of psychic processes. This will be done by interviewing association members, with the intention of hearing about their relationships with the School of Samba Bonecos Cobiçados. Through their words we will be able to observe their geographic and psychic realities.

Keywords: Geopsychic place; Carnaval; School of Samba; Guaratinguetá.

SUMÁRIO

Introdução.....	- 10 -
1. Gûyratingetá	- 15 -
1.1. As Escolas de Samba de Guaratinguetá	- 20 -
Acadêmicos – Morada do Samba	- 21 -
Beira-Rio – Ninho da Coruja.....	- 22 -
Bonecos – Verde e Rosa do Campinho	- 23 -
Embaixada – Vermelho da paixão.....	- 24 -
Mocidade – A gigante do Pedregulho	- 25 -
Tamandaré – A estrela maior.....	- 26 -
1.2. “Nessa terra tão querida que lhe fez se apaixonar: nossa Guaratinguetá”	- 27 -
2. “A verde e rosa chegou, a festa vai começar!”	- 29 -
2.1. “Quem conheceu <i>cobiçou</i> , logo passou a amar.”	- 36 -
3. “Abram alas, pessoal! Viemos apresentar o nosso carnaval!”	- 43 -
3.1. “Tudo isso no Campinho tem!”	- 44 -
4. “E nós, de Bonecos Cobiçados, para sempre seremos lembrados!”	- 62 -
REFERÊNCIAS	- 66 -

Introdução

Este trabalho é o resultado do encontro do samba com a geografia que ocorreu ao longo da minha graduação em licenciatura em Geografia. Ou melhor, é o resultado de como pude perceber esse encontro considerando minha trajetória acadêmica com o que era minha maior paixão, o samba.

Esse encontro só foi possível para mim com a aproximação de uma geografia que, até meados do curso, eu não conhecia, a qual eu ainda não fora apresentado. O contato com a professora doutora Juliana Maddalena Trifilio Dias, nas disciplinas de Estágio, proporcionou a mim um olhar diferenciado sobre como eu entendia a geografia, sua Geografia Humanista de base psicanalítica fez com que eu encontrasse lugar para minhas perguntas que até então não estava sabendo onde procurar respostas.

Desde sempre, ouvia a professora dizendo para que nós alunos falássemos e escutássemos o que dizíamos. A princípio parecia um exercício repetitivo e pouco claro em seu objetivo, de tal modo que sequer cedi a orientação, assumi uma postura reticente e objetei a proposta de geografia que ela nos apresentava. Entretanto, com o tempo percebi que estava cedendo conforme percebia que, ao verdadeiramente ouvir o que eu dizia, conseguia entender melhor o que me passava nas aulas, nas atividades do estágio.

Quanto mais o tempo passava mais eu me aproximava e apreciava aquela perspectiva que a professora Juliana trazia em suas aulas. Sequer percebi quando me envolvi de vez em suas disciplinas e me empenhava ao máximo nos trabalhos e nas atividades que eram pedidas. Eu conseguia perceber que algo estava acontecendo comigo diante daquele fazer geográfico que me aparecia como novidade, mas não sabia ainda como capturar os elementos esparsos e confusos em uma só imagem. Nessa tentativa de buscar compreender o que se passava entre mim e essa Geografia Humanista de base psicanalítica, procurei a professora para pedir sua orientação nesse trabalho.

O aceite foi um sim. Aliás, a professora Juliana também me alertava desde a primeira disciplina que fiz com ela sobre os “sins” que dizíamos. Logo na primeira disciplina, Juliana afirmou para turma que havíamos dito um sim para aquela aula, um sim para o que experienciamos na disciplina em formato remoto e um sim para que seguíssemos na nossa formação enquanto professores de Geografia. Ao ouvir aquilo eu me opus, afinal, eu não havia dito sim algum, meu argumento era de que éramos obrigados a participar daquela disciplina

para nos formarmos. Demorou algum tempo para entender o que ela queria dizer com aquele sim que supostamente havíamos dito. Compreendi, então, como um sim para nós mesmo diante de um novo acontecimento, a abertura para algo inédito, nossa exposição ao que está por vir, o aceite sincero para que possamos viver uma nova experiência. E ao compreender isso, um primeiro passo foi dado para entender o caminho ainda enevoado que estava começando a percorrer naquela Geografia Humanista de base psicanalítica que me aparecia.

O segundo passo dessa trilha foi o desvelamento de algo que estava diante dos meus olhos, mas eu não o via, ou escolhia não ver – dizia um não. Nas primeiras orientações sobre a escolha do tema vários caminhos apareceram, mas nada se encaixava, até que um dia falei sobre o samba.

Durante toda minha graduação eu tentei encaixar nos trabalhos algum samba de enredo, alguma imagem de algum desfile de escola de samba ou algum acontecimento do universo carnavalesco que pudesse colaborar com o momento da atividade. A aceitação nem sempre era tão boa, havia algum estranhamento em alguns momentos e em outros sequer era dada atenção. Não me importava e seguia colocando o carnaval e o samba em meus trabalhos. As primeiras vezes que tive algum retorno sobre essa inserção de algo que me movimentava em minha vida acadêmica foi nas disciplinas ministradas pela professora Juliana. Mesmo quando não havia qualquer necessidade de introduzir carnaval nas atividades eu o fazia e tinha, nem que fosse mínimo, o retorno da professora. Agora, vejo que mais que um incentivo a trazermos para nossa vida acadêmica aquilo que gostamos e nos move, ela estava dizendo inúmeros “sim” para o que eu apresentava. O mais claro de todos foi quando ela ajudou a desvelar o que depois virou óbvio, eu não fazia um trabalho de pesquisa de conclusão de curso sem continuar aquilo que eu já vinha fazendo: falar sobre samba!

A partir disso, o trabalho começou. Passei a frequentar o Grupo GhEnTE, onde fui introduzido a algumas noções básicas sobre a Psicanálise e pude ter contato com um grupo de pessoas que ampliaram a noção de Geografia a cada encontro que tínhamos. Paralelo a esses encontros, fui caminhando ao encontro do tema, que ainda não me era certo, mas trataria de alguma forma sobre escolas de samba, samba e carnaval.

Não foi fácil chegar a uma delimitação do que eu estava fazendo, mas com a ajuda da professora Juliana fui afunilando, e me ative durante toda a elaboração do trabalho a uma imagem que ela trouxe em uma das reuniões de orientação: eu estava girando, assim como faz um parafuso, em torno de uma coisa só, mas afunilando e chegando a algum lugar. O trabalho

já estava sendo escrito e eu ainda estava incerto sobre o caminho e sua chegada, mas eu estava caminhando.

Demorou algum tempo, mas enquanto eu fazia a primeira conversa que viria para esse trabalho que eu percebi que estava buscando meu tema no lugar errado. Até então eu pensava muito sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro, e não me sentia seguro ou não encontrava um percurso para chegar até elas dentro do trabalho. Posteriormente, durante uma reunião de orientação, notei que eu tinha, novamente, diante dos meus olhos algo para o trabalho: as escolas de samba de Guaratinguetá, e mais especificamente, o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Bonecos Cobiçados.

Dona Ivone Lara cantava “Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho / Mas eu vim de lá pequenininho / Alguém me avisou / Pra pisar nesse chão devagarinho”, e para falar sobre samba num universo em que gigantes já o fazem, nada mais correto que eu chegue devagar, respeitando, aludindo e exaltando quem já ocupa esses lugares.

Além disso, o carnaval de Guaratinguetá carece de pesquisas e trabalhos sobre sua história e tradição, de modo que esse trabalho também se propõe a registrar e resgatar parte da grandiosa história das escolas de samba da cidade. Dessa forma, entendi que retornar para Guaratinguetá para fazer meu trabalho seria mais interessante. A epígrafe desse trabalho é um verso do samba da Imperatriz Leopoldinense do carnaval de 1995, com o enredo “Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube lá no Ceará”, e ele sintetiza o movimento que fiz ao decidir pelas escolas de samba de Guará. Optar pela simplicidade do Bonecos não é dizer que é um trabalho mais fácil de se fazer, ou no intuito de diminuir o peso que as agremiações guaratinguetaense possuem, mas de entender que existe algo muito rico e pouco explorado pela academia no carnaval de Guará. Como o próprio samba diz que “Renegar o que é nosso gera insatisfação”, eu não estava satisfeito enquanto não percebi que era sobre na escola de samba onde eu fui criado que existia campo para minha iniciação na pesquisa acadêmica.

Assim, diante de questões que acompanharam o desenvolvimento do trabalho, como “O que é o Bonecos Cobiçados para você?” ou “O que te faz torcer para o Bonecos Cobiçados?”, que norteou as reflexões que deram o encaminhamento da pesquisa, segui com o Bonecos Cobiçados para dentro da Geografia e o encontro com a Geografia Humanista de base psicanalítica se deu com a mediação da professora Juliana, de modo que notei um caminho para encontrar respostas para as questões. Esse encontro acontece com a intenção de compreender a

festividade das escolas de samba enquanto lugar e um ponto referenciado espacialmente em contato com os indivíduos que constroem a agremiação, numa relação concatenada entre pessoa e lugar que existe para além da materialidade. Para isso, é com o conceito de lugar geopsíquico que caminharemos nesse trabalho, introduzindo nos estudos de geografia sobre escolas de samba o papel dos processos psíquicos daqueles que estão envolvidos com a agremiação.

Para tanto, começaremos o primeiro capítulo com uma apresentação da cidade de Guaratinguetá, utilizando de samba de enredo para traçar um panorama de aspectos sócio-históricos-geográficos da cidade. Na primeira seção desse capítulo, teremos uma breve apresentação das escolas de samba da cidade com mapas que permitam um trabalho de observação de suas localizações dentro do município. Na segunda seção, apontaremos para algumas condições geográficas e históricas da cidade que indicam a tradição do carnaval da cidade, tendo em paralelo a atualidade da festa para os munícipes.

No segundo capítulo, seguiremos com uma discussão acerca dos conceitos de comunidade e identidade em diálogo com as escolas de samba e seus elementos de identificação com seus torcedores e foliões. Aqui, temos um prenúncio da noção de lugar e seu papel na constituição das comunidades e das escolas de samba.

Na segunda seção adentramos no conceito de lugar e de lugar geopsíquico, a partir de uma narrativa sobre minha experiência pessoal com a escola de samba Bonecos Cobiçados, para discutir o conceito e ampliar para os relatos de pessoas com quem conversei para essa pesquisa.

Assim, no terceiro capítulo, dividido em três seções, discorreremos, com o auxílio de trechos das entrevistas que fiz para esse trabalho, sobre elementos que indicam o lugar geopsíquico do Bonecos Cobiçados para essas pessoas, a partir de suas falas. Ao longo desse percurso, notamos as diferentes formas de manifestação das escolas de samba para cada indivíduo e os diferentes lugares que de uma escola de samba. Fazemos isso com base na tese da professora doutora Juliana Maddalena Trifilio Dias (2019a): “Lugar Geopsíquico: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da Geografia”. Por fim, no quarto capítulo traçamos as considerações finais acerca das conversas e do conceito de lugar geopsíquico.

Cabe destacar alguns elementos do corpo do texto que podem causar estranhamento ao leitor. A princípio, destaco os versos dos sambas do Bonecos Cobiçados de diferentes anos que mobilizei para intitular os capítulos e seções. Assim como as epígrafes das seções sobre as escolas de samba de Guaratinguetá, que selecionei trechos de sambas tradicionais das escolas

ou dos seus sambas de exaltação. Como dito anteriormente, há muito pouco material sobre o carnaval de Guaratinguetá preservado, aqueles que existem não são de fácil acesso, sendo documentos esparsos reunidos em arquivos pessoais. Assim, foi bastante difícil encontrar os compositores de alguns sambas, de modo que padronizei as referências dos sambas com o próprio nome das escolas de samba. Dessa forma, como o título desse trabalho adianta: “De verde e rosa, eu vou”, verso do samba da escola Bonecos Cobiçados em 2002, convido-os para seguir com esse trabalho.

1. Gûyrátingetá

*Apesar desta demora, já é hora
A Embaixada traz Guará e comemora
Caminhando cortando o Vale o Rio vem surgindo
O ressoar da mata vem da cascata que vai caindo
Vivendo nessa terra
Índio guerreiro presenciou
Guaratinguetá
Quando Domingos Leme fundou
Guará é tinga é tinga
Bota o guisado pra assar
Repica na timba o Rei tá pra chegar
Em tempo de riqueza
Era tanto ouro cana e café
Sinhazinha moça desfilando seu rendado
E o moço a dar passagem
Mas a vida foi passando
Nossa história formando
Rodrigues Alves, Zerbini e Dilermando
Festas populares
Artes e esportes e o povo em geral
Ô ô ô ô ô
E o carnaval*

*Guaratinguetá, Desculpe a demora
Embaixada do Morro, 1984*

Em 1984, a Associação Recreativa Cultural Escola de Samba Embaixada do Morro fazia uma homenagem para a cidade de Guaratinguetá em forma de enredo, que tinha como título um pedido de desculpa: “Guaratinguetá, desculpe a demora”. Nessa data a agremiação já possuía 8 títulos de campeã do carnaval competitivo da cidade e quarenta anos de idade, uma trajetória invejável de rica história. Mesmo hoje, os números que a escola ostentava na década de 1980 chamam a atenção e refletem a força que ela possui na cidade e dentro da avenida. Dessa forma, é compreensível que a homenagem se inicie com um pedido de desculpas, afinal, como poderia uma escola daquele porte não falar sobre sua própria cidade, ou esperar quarenta carnavais para o fazer.

Mas, apesar dessa demora, Guará deu samba, como bem diz o ditado. A Embaixada levou para sua quadra e para sua comunidade nos bairros da Pedreira e do Alto das Almas – o Morro – a nona taça para aumentar sua coleção. O pedido de desculpa rendeu, além do título, um presente para a cidade: o samba de enredo. Com um refrão contagiante e lembrado até hoje,

recheado de referências sobre a cidade, ele por si é uma excelente recompensa dada pela Embaixada do Morro aos moradores da cidade, a Guaratinguetá e aos sambistas.

Sua letra serve como um excelente cartão de visitas para o município, uma vez que conglomeram aspectos históricos, personalidades da cidade e fatores de localização. Logo no primeiro verso há a referência geográfica da região onde está situado o município, no Vale do Paraíba, e destaca a presença do Rio que condiciona tanto a delimitação do Vale, por seguir a bacia do Rio Paraíba, quanto por ressaltar o traçado que o rio faz entre a cidade. Nessa esteira, os compositores destacam as belezas naturais do município, que tem entre suas atrações turísticas trilhas com cachoeiras e ribeirões na Serra da Mantiqueira.

Na sequência, a fundação da cidade é registrada com a exaltação do bandeirante Domingos Leme, que solicitou que Guaratinguetá fosse elevado à categoria de Vila em 1951, apesar da fundação ter sido em 1930, com base no livro-tombo da Catedral de Santo Antônio (GUARATINGUETÁ, 2022).

Continuando a observação da letra do samba, chegamos ao refrão do meio, onde há uma brincadeira com o nome da cidade ao falar que Guará é Tinga. A palavra Guaratinguetá tem sua origem no Tupi, *Gûyrátingetá*¹, e significa “muitas garças brancas”, onde *Guará* é garça, *tinga* é branco e *eté* é muito. Assim, o refrão faz esse jogo com as palavras e proporciona uma parte empolgante do samba.

Nesse momento da letra é importante perceber a forma como a Embaixada traz o passado indígena da região do Vale do Paraíba e de Guaratinguetá. Ao utilizar as palavras em tupi que compõem o nome da cidade, a agremiação relembra a existência dos grupos étnicos que habitavam aquela área, ocupada majoritariamente pela etnia dos Puris (REIS, 1979). Apesar disso, na altura da sua fundação, em 1630, e de sua elevação à vila, em 1951, os povos indígenas da região do Vale do Paraíba “Passaram por um processo inicial de destribalização, que depois se acentuou quando foram retirados dos aldeamentos e introduzidos na sociedade que se formava” (RAMOS, 2017, p.36). Como nos aponta Oliveira (2016), com as expedições bandeirantistas avançando, Guará se tornou um interposto seguro para viajantes por não conter

¹ GÛYRÃ-TINGA. Ornitologia: garça branca, ave da família dos ardeídeos, gênero *Casmerodius* (a grande) e *Leucopynx* (a pequena). ETÃ (Ç-). • Indefinido; muito (a) (s), muitas vezes, - numeroso (a) (s). No tupi colonial passou-se a usá-lo para realçar a pluralização. Ex: pirá: peixe. Piará-eté: muitos peixes. Não sendo complemento predicativo, segue o substantivo. É adjetivo e pronome indefinido. Está no limite entre afixo e radical. (CARVALHO, 1987)

índios considerados hostis. Dessa forma, notamos a importância de resgatar em diferentes espaços a memória e a cultura dos povos nativos, e nesse sentido, as escolas de samba cumprem um papel de grande valor.

Ainda no refrão, há uma passagem que referencia os preparativos para a chegada de um rei na cidade, onde é evocado o guisado e o repique da timba, um instrumento de percussão de origem africana. Aqui surge uma dúvida acerca do rei referenciado. Há registros da passagem do Príncipe Regente do Brasil, Dom Pedro I, pelo Vale do Paraíba, incluindo Guaratinguetá, durante sua viagem a província de São Paulo, acompanhado da sua comitiva, que culminaria no desmembramento do Reino do Brasil com o Reino de Portugal, ou seja, a independência do Brasil. (PASIN, 1972). Em seu trabalho, Pasin (1972) destaca que a cidade se preparava para receber o regente há dias antes de sua chegada, com preocupações como a iluminação das ruas, apontando alguma ansiedade da população para a chegada do regente. Assim, seria uma hipótese sobre a referência feita no samba sobre a chegada do Dom Pedro nas vésperas da declaração de independência.

Entretanto, outra hipótese é a possibilidade de o rei referenciado ser aquele coroado em festividades da festa do Congo. Desde o século XVII, a Irmandade de São Benedito em Guaratinguetá tem, dentre suas tradições, a escolha do seu Rei e da sua Rainha, a cavalaria pelas ruas da cidade, e a realização de cafés e distribuição de doces por conta do São Benedito ser conhecido como santo cozinheiro. Costumes que lembram a festa para o Rei do Congo.

Originalmente, as festividades para o Rei do Congo se originaram “em torno de irmandades leigas de devoção a determinados santos, com destaque para Nossa Senhora do Rosário e São Benedito” (SOUZA, 2005, p.82). Dentre os costumes da festa, destaca-se o desfile do rei coroado pela cidade ao som de instrumentos de percussão e a homenagem anual ao santo de devoção, como aponta Souza (2005). Dessa forma, a timba apontada no samba é melhor compreendida nesse contexto. Além disso, a tradição de coroação dos Reis da Festa de São Benedito e a anuidade da sua celebração é realizada até os dias de hoje na cidade de Guaratinguetá, comemorando, em 2022, seus 396 anos (IVAN, 2022).

Assim, cabe uma pesquisa mais aprofundada acerca dessas hipóteses para verificar qual era a referência feita no samba. Considerando a proposta desse trabalho, podemos seguir com essa indefinição, uma vez que as duas leituras enriquecem a história da cidade contada pela Embaixada do Morro.

A segunda parte do samba destaca a participação econômica da cidade nos ciclos do açúcar, do ouro e do café, com destaque para esse último quando ressalta o nome do presidente duas vezes eleito durante a primeira República, o Francisco de Paula Rodrigues Alves. Esse destaque é feito em função da relação que o ex-presidente possuía com o café e que ultrapassava medidas econômicas do seu governo à frente da República. Como aponta Azevedo (2011), seu pai, Domingo Rodrigues Alves, casou-se com uma mulher da família do Visconde de Guaratinguetá. O Visconde, por sua vez, possuía riqueza e influência política que advinham do café, e puderam patrocinar a entrada do Rodrigues Alves na política. Disso podemos perceber a importância que o café teve para a cidade de Guaratinguetá e para a trajetória política de Rodrigues Alves.

Na esteira, outros nomes a serem exaltados são o do primeiro médico a realizar um transplante de coração no Brasil, o Dr. Zerbini, e o do músico e compositor Dilermando Reis, ambos comemorados como os filhos ilustres da cidade. Cabe notar que ao construir uma narrativa na qual o destaque é dado a figuras ilustres, o samba reproduz uma perspectiva positivista da história, que tende a se organizar em torno de personalidades consideradas historicamente importantes e que, no mínimo desde a década de 1930, passou a ser criticada por historiadores como Marc Bloch².

Podemos perceber na letra do samba de enredo o trabalho de enquadramento (POLLAK, 1989) realizada pela escola ao selecionar os elementos que seriam citados na letra do samba. Dentre aqueles que não entraram na narrativa, temos o fato de que Guaratinguetá é reconhecida nacionalmente por acontecimentos como a descoberta de Nossa Senhora Aparecida nas águas do Rio Paraíba, em 1717, e a cidade onde nasceu o primeiro santo brasileiro, o Frei Galvão, canonizado pelo Papa Bento XVI, em 2007 (VEIGA, 2022). Esses episódios colaboram para a cidade ter na religião católica seu principal destaque turístico.

Posteriormente, a própria Embaixada do Morro faz menção a essa parte importante da história da cidade quando desenvolve o enredo “A Fé não costuma falhar”, em 1999, e exalta a religiosidade da cidade. Nesse ano, a letra do samba de enredo traz um verso interessante, de composição de Douglas, Danilo Barros, Dunga do Cavaco e Tilica do Péu, da qual destaco a seguinte parte “Nessa terra de Frei Galvão, o samba é pura *convicção*” (EMBAIXADA DO MORRO, 1999). Assim, numa cidade onde a religião está intimamente relacionada com sua fundação e com a passagem do seu tempo, o samba se apresenta como *convicção*.

² Sobre isso ver: BLOCH, 2001.

Na história em formação apontada pela escola em seu samba, o esporte e a arte, assim como o povo da cidade são exaltados, mas o verdadeiro destaque é dado ao carnaval. E não deveria ser diferente.

Em registro encontrado no periódico *Correio Paulistano* da data de 5 de fevereiro de 1900, na seção destinada a Guaratinguetá, uma nota informando os preparativos para festividades carnavalescas da cidade “Projectam-se bellos festejos para o Carnaval” (CORREIO PAULISTANO, 1900), corroborando a antiguidade e tradição do carnaval guaratinguetaense.

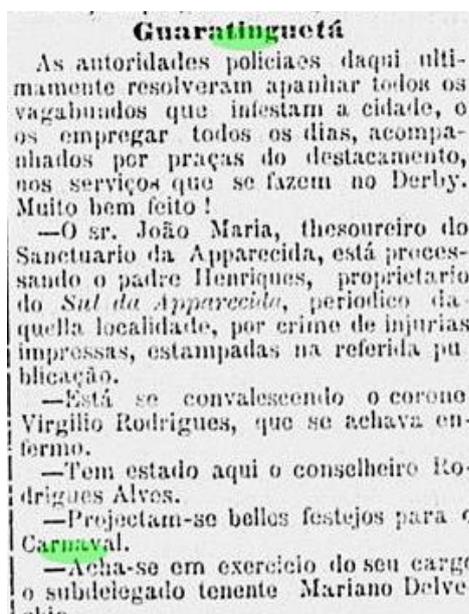


Figura 1 *Correio Paulistano*, 1900

Assim, o carnaval se afirma como parte importante da cultura da cidade. Como a letra do samba diz “A vida foi passando, nossa história se formando”, ao longo dos 391 anos da cidade, inúmeras transformações se deram, como exemplo a economia da cidade não é mais baseada no ouro, na cana ou no café. Hoje, é na indústria favorecida pela sua localização estratégica às margens da Rodovia Presidente Dutra entre São Paulo e Rio de Janeiro, que está o foco econômico da cidade. Ainda, a população cresceu e se estima em 121 mil habitantes conforme o último Censo de 2010 (IBGE, 2010).

Nesse ínterim, o samba aconteceu, as escolas de samba nasceram no Rio de Janeiro, se espalharam e foram até mesmo para fora do país. Extrapolaram fronteiras e barreiras culturais, alcançou cidades menores, como Guaratinguetá, e se fixou, criando raízes próprias e percorrendo uma trajetória própria. As raízes plantadas deram frutos e, ao longo desse tempo, outras escolas de samba nasceram em Guará, desenvolveram outras homenagens e ganharam

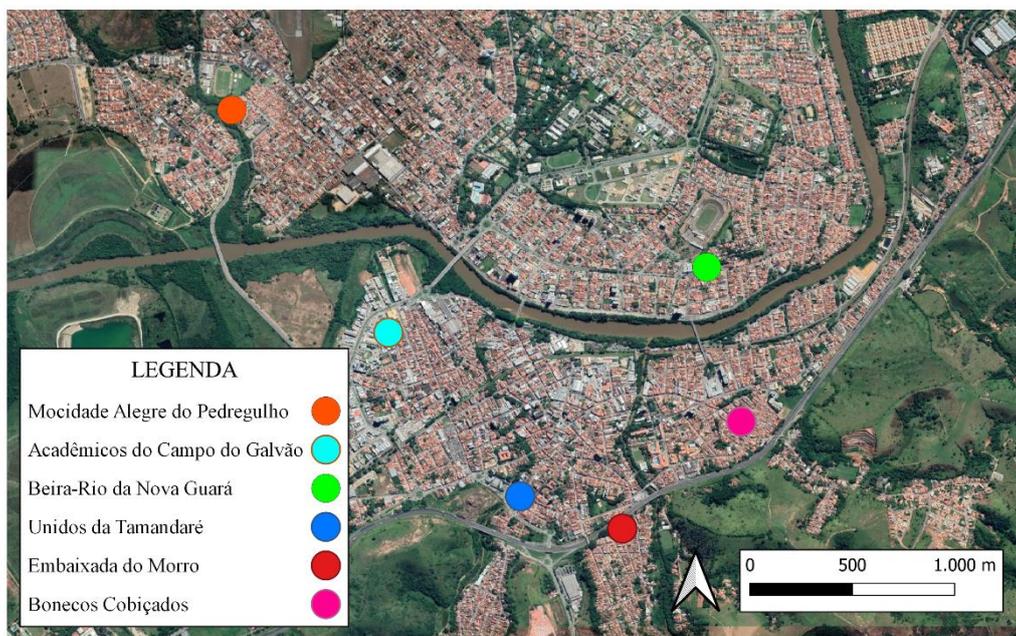
outros carnavais, algumas agremiações já surgiram e enrolaram suas bandeiras, outras continuam com seus pavilhões desfraldados e carregando suas histórias ano após ano na avenida. Atualmente, seis escolas estão ativas na cidade.

Para elas faço uma breve apresentação com todo o respeito que devo ter ao sintetizar suas histórias e comunidades, sabendo que não conseguirei colocar em poucas palavras tudo o que elas representam, mas faço com o desejo de reforçar a importância que possuem para a cidade de Guaratinguetá e para o samba nacional. Além disso, faço também com o intuito de usar as agremiações como meio para apresentar mais um pouco da cidade, pincelando detalhes das comunidades, bairros e das próprias escolas para permitir um vislumbre da realidade.

As Escolas de Samba de Guaratinguetá

Visando ilustrar o cenário do carnaval das escolas de samba de Guaratinguetá, aspectos como as cores, o nome, a localização da sede, símbolos, número de títulos e data de fundação serão apresentadas com o acompanhamento de partes de sambas memoráveis de cada escola. No mapa abaixo estão identificados em pontos a localização das sedes das escolas de samba.

AS ESCOLAS DE SAMBA DE GUARATINGUETÁ



Elaborado por: José Alberto Batista Filho (2022)

Acadêmicos – Morada do Samba

*A Avenida vai ficar mais colorida quando a minha escola desfilar
Não, não quero indecisão! É o Acadêmicos do Campo do Galvão.
(Samba Exaltação Acadêmicos do Campo do Galvão)*

O Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Acadêmicos do Campo do Galvão tem sua sede no bairro do Campo do Galvão, próximo do centro da cidade e de uma área que está se transformando em decorrência da construção do shopping da cidade, que mudou as configurações do entorno. Essas transformações, no entanto, não alteraram a forma como a agremiação leva seu carnaval para a avenida, campeão 16 vezes, acumula título desde 1979 até seu último campeonato em 2018. Fundada em 1974, também carrega as cores da cidade no seu pavilhão, azul vermelho e branca, e tem como símbolo uma Clave de Sol.

ACADÊMICOS DO CAMPO DO GALVÃO E VIZINHANÇA



Elaborado por: José Alberto Batista Filho (2022)

Beira-Rio – Ninho da Coruja

*Sou da Nova Guará, sou raiz de bamba, aprendi a sambar onde a coruja canta
No meu olhar tem o seu pavilhão, a Beira Rio conquistou meu corao!
(Beira-Rio da Nova Guará 2009)*

O Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Beira Rio da Nova Guará, como o nome indica, fica sediada no bairro da Nova Guará, com uma populao expressiva que não se reflete na quantidade de títulos que a escola possui, apenas dois: 1983 e 1993. Fundada em 1970, a escola também possui as cores azul, vermelho e branco, e tem como símbolo uma coruja. Assim como a Mocidade, são as duas únicas escolas em atividade da cidade que ficam à margem esquerda do Rio Paraíba.

BEIRA-RIO DA NOVA GUARÁ E VIZINHANÇA



Elaborado por: José Alberto Batista Filho (2022)

Bonecos – Verde e Rosa do Campinho

*Tudo isso no Campinho tem, para mostrar a um certo alguém
E nós de Bonecos Cobiçados, para sempre seremos lembrados.
(Samba Exaltação Bonecos Cobiçados)*

Com as cores mais dissonantes entre todas as outras agremiações, o Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Bonecos Cobiçados carrega no seu pavilhão as cores verde e rosa e uma coroa cercada por instrumentos de percussão como símbolo. É a escola de samba mais antiga da cidade, fundada em 1957, possui apenas três títulos, em 1967, 1969 e 1974, mas nem por isso deixa de contar com uma grande torcida que vai além do bairro do Campinho, onde está sediada, e os bairros adjacentes que compõe sua comunidade.

BONECOS COBIÇADOS E VIZINHANÇA



Elaborado por: José Alberto Batista Filho (2022)

Embaixada – Vermelho da paixão

*Sou Embaixada do Morro, e tenho glória
vou cantar um samba enredo meu orgulho é a vitória
(Samba de Quadra Embaixada do Morro)*

A Associação Recreativa Cultural Embaixada do Morro é a agremiação carnavalesca mais antiga de Guaratinguetá, fundada como bloco em 1944 e transformada em escola samba em 1965. Também é a maior campeã entre as escolas de samba, possuindo dezoito títulos conquistados entre 1966 e 2011. Com as cores vermelho e branco e tendo como símbolo uma coroa, a Embaixada tem a força da sua comunidade concentrada nos bairros da Pedreira e no Alto das Almas. Ao longo desses 78 anos, a escola se orgulha da trajetória de sucesso e de grandes sambas.

EMBAIXADA DO MORRO E VIZINHANÇA



Elaborado por: José Alberto Batista Filho (2022)

Mocidade – A gigante do Pedregulho

*A Mocidade tem o que, tudo que eu mais queria
Tem paz e amor, e alegria, aquela felicidade que eu perseguia.
(Samba Exaltação Mocidade Alegre do Pedregulho)*

A Associação Recreativa Cultural Escola de Samba Mocidade Alegre do Pedregulho está localizada no bairro do Pedregulho, um dos maiores e mais populosos da cidade. Fundada em 1974, tem no seu pavilhão as cores da cidade, azul vermelho e branco, e três estrelas que coroam os títulos recebidos em 1992, 2019 e 2020, sendo assim a campeã do último carnaval que ocorreu na cidade antes da pandemia de Covid-19, que fez as celebrações carnavalescas serem adiadas.

MOCIDADE ALEGRE DO PEDREGULHO E VIZINHANÇA



Elaborado por: José Alberto Batista Filho (2022)

Tamandaré – A estrela maior

*Eu sou o azul da cor do céu, eu sou o branco a cor da paz,
Eu sou o seu filho de fé, Unidos da Tamandaré
(Samba Exaltação Unidos da Tamandaré)*

O Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Unidos da Tamandaré foi fundado em 1967, no bairro da Tamandaré. Com as cores azul e branco, a agremiação coleciona dez títulos pelo carnaval guaratinguetaense entre 1976 e 2014, e uma coletânea de grandes sambas, tanto no passado quanto atualmente. Apesar de ser sediada num bairro adjacente ao centro da cidade, grande parte do seu bairro é isolado, sendo recortado da cidade por um viaduto da Rodovia Presidente Dutra. Seu símbolo é a letra T.

UNIDOS DA TAMANDARÉ E VIZINHANÇA



Elaborado por: José Alberto Batista Filho (2022)

1.2 “Nessa terra tão querida que lhe fez se apaixonar: nossa Guaratinguetá”.

As escolas citadas anteriormente não foram as únicas a colorirem a cidade ao longo da história do carnaval na cidade. Várias outras escolas foram fundadas, desfilaram e então enrolaram suas bandeiras ao longo do tempo. Entre elas, cabe a menção daquelas que compunham o grupo de acesso do carnaval guaratinguetaense até 2008: Unidos do Parque; Unidos da Pires Barbosa; Unidos da Verde e Rosa; Unidos do São Dimas; Unidos da Climério Galvão; Princesa do Vale (SANTOS, s.d.).

Com exceção da Mocidade Alegre do Pedregulho e da Beira-Rio da Nova Guará, todas as outras quatro agremiações em atividade estão sediadas em bairros que contornam o centro da cidade. Apesar disso, estamos falando de bairros marginalizados, com antecedentes de criminalidade alta e arquitetura modesta e infraestrutura precária.

Guaratinguetá segue um padrão de organização espacial bastante comum às cidades com passado colonial. A caracterização se dá pela centralidade de uma Igreja erguido em cima de colinas de onde a planta urbana se desenvolve agrupando em suas proximidades os prédios administrativos, como a Câmara Municipal (MOREIRA, 2014). Dessa forma, hoje encontramos no centro da cidade prédios históricos muito próximos da Igreja Matriz, como exemplo os museus de Frei Galvão e do Conselheiro Rodrigues Alves, datados do século XVII, prédios que na época possuíam funções residenciais. Tendo isso em vista, os bairros que margeiam o centro da cidade eram ocupados por setores menos favorecidos da sociedade da época, de onde surgiram as primeiras escolas de samba.

Isto posto, pensar Guaratinguetá enquanto cidade é considerar as escolas de samba como parte constituinte da identidade dos moradores e da sua organização territorial. Na cidade de Frei Galvão em que o samba é tido como convicção, as escolas de samba compõem um quadro cultural da cidade e carregam a importância de contar sobre a história de seus bairros e das suas comunidades. Ainda, servem como referência para a juventude local e como espaço de socialização e de ensino não-canônico, uma vez que suas quadras são abertas para aulas de capoeira, percussão, dança. Em 2018 foi fundado o Projeto Sanac – Samba Não se Aprende na Escola, voltado para o ensino de elementos do samba para as crianças da cidade, como bateria, samba e o bailado do mestre-sala e da porta-bandeira. O projeto social tem apoio de todas as escolas de samba da cidade e possui espaço no dia do desfile para apresentar ao público da avenida aquilo que foi aprendido ao longo do ano (G1, 2020).

Na região do Vale do Paraíba, o desfile das escolas de samba não é exclusividade de Guaratinguetá, uma vez que Lorena, Bragança Paulista e Taubaté, por exemplo, também possuem o carnaval das escolas de samba em suas agendas culturais, corroborando o que Sérgio Cabral afirma ao dizer que atualmente é difícil encontrar uma cidade no Brasil com mais de cem mil habitantes que não possua uma escola de samba (CABRAL, 2012).

2. “A verde e rosa chegou, a festa vai começar!”

Ô ô ô ô ô, Bonecos Cobiçados chegou
Ô ô ô ô ô, Bonecos Cobiçados chegou
Abram alas, pessoal, viemos apresentar o nosso carnaval
As baianas em harmonia, escuta o repicar da bateria
Ó quanta alegria!
Ô ô ô ô ô, Bonecos Cobiçados chegou
Ô ô ô ô ô, Bonecos Cobiçados chegou
Tudo isso no Campinho tem, para mostrar a um certo alguém,
E nós de Bonecos Cobiçados, para sempre seremos lembrados
(Samba-exaltação do Bonecos Cobiçados)

A busca pela criação de uma identidade própria é uma constante na história das escolas de samba. Desde a origem das primeiras agremiações na década de 1920 e da consolidação do concurso pela campeã do carnaval carioca, as escolas desenvolveram formas de se diferenciarem entre si e também de outros tipos de carnavais. Como nos aponta Matos (2005), isso se dava primeiramente com o próprio samba, se distinguindo enquanto ritmo musical, e posteriormente com outros elementos de identificação. Lopes e Simas (2015), ao trabalharem o conceito Identidade, utilizam a seguinte definição: “Conjunto de características que distinguem e individualizam um ser, um objeto, um grupo, uma coletividade etc. a identidade de uma escola de samba se traduz por suas cores ou por outras características, como por exemplo, a cadencia de sua bateria.” (LOPES e SIMAS, 2015, p.145).

Bauman afirma que “‘Identidade’ significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular — e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar” (BAUMAN, 2003, p.21). Essa divisão, entretanto, é o que proporciona a diferenciação entre as escolas de samba, considerando que elas produzem e se apropriam de elementos distintivos para caracterizá-las.

No Rio de Janeiro, por exemplo, encontramos escolas como o Acadêmicos do Salgueiro, que tem como lema a frase “Nem melhor, nem pior, apenas uma escola diferente” (SALGUEIRO, s.d.), a agremiação ostenta sua bateria, chamada de “Furiosa” e sua velha-guarda. Da mesma forma, há a Estação Primeira de Mangueira, que tem como diferencial a bateria e seu surdo de primeira, além das cores verde e rosa, exclusiva no grupo especial do carnaval carioca³.

³ Matos (2005), em sua dissertação, também afirma a distinção da E. P. de Mangueira por meio de suas cores verde e rosa.

Essa busca pela diferenciação em prol da criação de uma identidade pode ser percebida também nas agremiações de Guaratinguetá. O Bonecos Cobiçados, por exemplo, se distingue facilmente na cidade por conta de ser a única escola com as cores verde e rosa. Já a Embaixada do Morro, que se intitula como “a mais querida da cidade”, ostenta o vermelho e branco no pavilhão e é identificado na avenida pelos componentes orgulhosos de vestirem as cores da escola. A vestimenta para a agremiação, nesse e em outros casos “acaba por constituir não só um elemento para a identidade da escola como também no aumento da autoestima do componente. É como se carregasse o lugar no seu corpo, portanto, o espaço vivido é diferente do espaço do corpo.” (MATOS, 2005, p.105). A própria Embaixada do Morro, em 2011, ao desenvolver um enredo sobre a moda que teve como título “E a moda virou samba nos versos de Noel”, ressalta o papel da vestimenta para a própria comunidade ao cantar no refrão do samba que “O Morro é *fashion*, amor! / De vermelho e branco é a moda que eu vou / em alto estilo, meu visual / Embaixada é a grife desse carnaval” (EMBAIXADA DO MORRO, 2011).

Dessa forma, ao pensarmos os elementos que constituem a identidade de uma escola de samba, estamos também falando sobre as características que dizem sobre a comunidade que compõe a agremiação.

De acordo com Mocellim, (2011), uma comunidade demandaria de um grau elevado de integração, coesão que incluem conhecimentos, objetivos, práticas cotidianas, e modos de pensamentos e ações em comum entre os membros. Lopes e Simas (2015), define comunidade como “grupo de indivíduos que vivem num mesmo lugar, compartilhando de interesses comuns” (SIMAS e LOPES, 2015, p.70).

Com essas perspectivas, podemos perceber a presença das comunidades nas escolas de samba. Elas seriam constituídas pelos personagens que compõem uma escola de samba, sendo então os componentes, os administradores, a vizinhança da sede, os torcedores. Enfim, pessoas que fazem com que a agremiação exista, uma vez que “A escola de samba é constituída por uma coletividade de pessoas que possuem trajetórias individuais distintas, diferentes anseios e ambições, mas que possuem duas características em comum: habitam o mesmo lugar e gostam de samba. (MATOS, 2005, p.65).

Diante dessas leituras acerca de identidade e comunidade, observamos o destaque que o lugar possui na configuração, também, de uma escola de samba. Mocellim (2011), aponta que a comunidade deve possuir um grupo social demarcado espacialmente, uma vez que “O espaço também é importante na caracterização da comunidade, pois esta é localizada e envolve

vínculos de proximidade espacial, tanto quanto de proximidade emocional” (MOCELLIN, 2011, 106).

Matos (2005), ao identificar a relação das escolas de sambas com os bairros que estão localizadas, faz um levantamento dos nomes das agremiações cariocas que carregam alguma referência de suas localizações. Isso, por entender que “O nome do lugar foi se tornando fundamental na construção da identidade das escolas de samba ao longo da história” (MATOS, 2005, p. 70). Da mesma forma, se observarmos as escolas de samba de Guaratinguetá, perceberemos a relação dos nomes com o bairro na maioria das agremiações. Assim, para permitir essa visualização, o quadro a seguir apresenta as escolas de samba, com a referência espacial que trazem em seus nomes e a localização de suas sedes. Faço isso me baseando no quadro que Matos (2005) traz em sua dissertação para categorizar as escolas do Rio de Janeiro desfilantes em 2005.

Localização e Tipo de Referência Espacial das Escola de Samba em atividade de Guaratinguetá

Escola de Samba	Referência Espacial	Localização da Sede
Acadêmicos do Campo do Galvão	Bairro	Campo do Galvão
Beira-Rio da Nova Guará	Bairro	Nova Guará
Bonecos Cobiçados	Não possui	Campinho
Embaixada do Morro	Morro	Alto das Almas
Mocidade Alegre do Pedregulho	Bairro	Pedregulho
Unidos da Tamandaré	Bairro	Centro

Tabela 1: Organizado por José Alberto Batista Filho (2022) com base na tabela de Matos (2005)

Como apresentado na tabela, apenas o Bonecos Cobiçados não traz em seu nome alguma referência espacial. Todas as outras agremiações carregam alguma referência do bairro onde possuem suas sedes, no caso da Beira-Rio possui o nome e dois bairros da cidade – Beira-Rio e Nova Guará – ou ainda, a Embaixada que faz alusão os bairros da Pedreira e Alto das Almas,

usando a forma como são popularmente conhecidas: Morro, em função da elevação dos bairros. Ainda, em relação a Unidos da Tamandaré, sua sede fica numa rua próxima do bairro homônimo da escola, entretanto, já localizado no Centro.

Por mais que o Bonecos não traga uma referência ao bairro do Campinho, a relação com o lugar aparece de outras formas. A agremiação, em decorrência das limitações geradas pelo tamanho reduzido da sua quadra, tem o costume de realizar seus ensaios na rua. Para garantir que os ensaios aconteçam com a periodicidade necessária para a apresentação no carnaval, e também para que os eventos sociais ocorram, é comum encontrar na rua da sede uma tenda de lona armada para proteger da chuva e do sol. Além dessa relação estreita com o bairro, que provoca interações com a comunidade de maneira direta, a escola movimentava o entorno da sua sede, como exemplo, os bares e mercearias da região, que servem como ponto de venda de ingresso para os eventos da escola, além de ponto de encontro para os componentes. Ainda, se observarmos elementos próprios da escola, como por exemplo seu samba-exaltação, veremos a referência ao bairro de forma direta.

Os sambas-exaltação, como apontado por Costa (2018), são um instrumento de construção de identidade, assim como os hinos pátrios. Ao exaltar elementos que versam sobre a escola de samba, o bairro ou a comunidade, os sambas articulam elementos que caracterizam um grupo e permitem que o sentimento de pertencimento e identificação se manifestem.

Dessa forma, ao analisarmos o samba-exaltação do Bonecos Cobiçados, que introduziu esse capítulo, encontramos logo de início referência a elementos como baianas, que são personagens que simbolizam “o aspecto mais histórico e ancestral do desfile das escolas” (LOPES e SIMAS, 2015, p.29), e ao repicar da bateria. Ao trazer esses aspectos da escola, o samba está mobilizando elementos de identificação da agremiação. Na sequência, o bairro do Campinho é citado, apontado como o lugar do Bonecos Cobiçados.

Ao fazer uma comparação dos sambas-exaltação com os hinos pátrios, Costa identifica padrões afins aos dois, entre eles, a valorização “do lugar e das paisagens é muito comum no discurso patriótico, que visa fixar não apenas um imaginário de lugar, mas também uma identidade, construída a partir de uma ideia de pertencimento territorial.” (COSTA, 2018, p.110). Nesse sentido, é observável no samba-exaltação do Bonecos esse enaltecimento do lugar e do reforço do sentimento de pertencimento a uma comunidade. Mesmo no refrão que traz “Bonecos Cobiçados chegou”, podemos assumir que a comunidade da escola quando canta o samba, entoa sua chegada de forma orgulhosa, certa de que traz consigo a bateria, as baianas, o pavilhão, as cores e seu passado e seu lugar.

Durante a entoação dos hinos, os participantes são guiados por seu tom emocional, sentem-se mais envolvidos, motivados, e bem mais próximos à agremiação. É o momento de construção do sentimento “patriótico”, o verdadeiro representante da agremiação e do espaço da comunidade; de fato, um dos elementos constitutivos da escola. (COSTA, 2018, p.83)

Tendo isso em vista, entendemos que a comunidade de uma escola de samba está especializada em torno de sua sede. Entretanto, a localização não parece ser uma condição que determina os membros dessa comunidade. A espacialização da comunidade, nesse caso, estaria associada ao lugar onde a sede se encontra, não impedindo que indivíduos longínquos do bairro participem das atividades da agremiação. Esses membros ainda estariam suscetíveis a identificação com a escola a partir de outros elementos, como o pavilhão, as cores da agremiação, os sambas, ou ainda associados por parentescos ou amizades.

Mocellim (2011), ao estabelecer um diálogo com Tönnies, afirma que a comunidade se desenvolvia a partir de três instâncias: a vizinhança, o parentesco e a amizade. Acerca da vizinhança já pudemos perceber a participação do lugar na formação da comunidade, como um espaço de troca em razão da proximidade. Dessa forma, destaco o papel do parentesco e da amizade na constituição da comunidade por não estarem estritamente relacionadas com a localização, já que o parentesco “emerge da vida familiar e fundamenta-se na autoridade dos membros da família – sendo essa autoridade traduzida em termos de idade, força e sabedoria.” (MOCELLIM, 2011, p.110) e a amizade que “emerge da semelhança de interesses e formas de pensar. Ela nasce da similitude de atividades, mas deve ser alimentada por encontros frequentes.” (MOCELLIM, 2011, p.110).

Sendo assim, a comunidade pode extrapolar os limites do bairro e alcançar regiões distantes da sede, isso em função da identificação com a escola e com possíveis relações afetivas que se desenvolvem com a agremiação e seus membros.

Bauman, ao falar sobre comunidade aponta que “o entendimento compartilhado que cria a comunidade (...) passa despercebido (raras vezes notamos o ar que respiramos, a menos que seja o ar viciado e mal cheiroso de uma peça abafada); ele é (...) ‘tácito’ (ou “intuitivo”, nos termos de Rosenberg)” (BAUMAN, 2003, p.16). Ao afirmar isso, o autor destaca que os elementos que compõem a comunidade podem, por vezes, se tornar tão intuitivos e internalizados que não percebemos que eles existem. De tal modo, que podemos fazer parte de uma comunidade sem saber claramente os motivos que nos identifica como membros.

Cabe notar que, no livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, Bauman aponta para o fenômeno de comunidades que surgem em “torno de um evento festivo recorrente – como um festival pop, uma partida de futebol, ou uma exibição de moda, muito falada que

atrai multidões” (BAUMAN, 2003, p.67), essas seriam as comunidades estéticas. Para um leitor desatento, o carnaval poderia se enquadrar nessa definição, especialmente porque mais adiante no texto, o autor afirma que essas mesmas comunidades estéticas poderiam ser intituladas como “comunidades carnavalescas” por desenvolverem “laços carnavalescos”. Considerando o que vimos até agora, é preciso analisar mais atentamente dois aspectos: o primeiro seria a tradução da obra, e o segundo sobre a problemática de enquadrar o carnaval nessa comunidade estética.

O livro em questão foi publicado em 2003 pela editora Jorge Zahar, traduzido da versão inglesa de 2001 pela editora Polity Press. A passagem na qual Bauman propõe outra possibilidade de nomenclatura para as comunidades estéticas diz que “They are, one may say, 'carnival bonds' and the communities which frame them are 'carnival communities'.” (Bauman, 2001, p.72). A palavra carnaval, na forma como a versão inglesa nos traz, é mais comumente referida aos parques de diversões e festivais, leitura que, inclusive, seria mais coerente considerando toda a frase do autor:

Como as atrações disponíveis nos parques temáticos, os laços das comunidades estéticas devem ser “experimentados”, e experimentados no ato — não levados para casa e consumidos na rotina diária. São, pode-se dizer, “laços carnavalescos” e as comunidades que os emolduram são “comunidades carnavalescas” (Bauman, 2003, p. 68)

Dessa forma, essas comunidades deveriam, com base no sentido da frase trazido na versão inglesa de onde foi traduzido para o português, carregar outros nomes por não se referirem sobre as comunidades que verdadeiramente se originam em torno do carnaval. Nesse momento, chegamos ao segundo ponto de atenção necessário com base nas comunidades estéticas.

A princípio, uma pessoa que desconhece a forma como as agremiações trabalham ao longo do ano, pode assumir os desfiles das escolas de samba como um evento que ocasiona o aparecimento dessas comunidades estéticas, na qual a experiência momentânea é o fator de desencadeamento e de reconhecimento entre indivíduos e grupos. Afinal, é verdade que as escolas se apresentam pontualmente num grande espetáculo que provoca emoções e sentimentos de pertencimento. A periodicidade do carnaval, de certo modo, pode permitir que se crie uma comunidade em torno desse evento, onde os sambeiros apareceriam.

Diferentemente dos sambistas, os sambeiros são aqueles que aparecem apenas na época do carnaval e depois se distanciam novamente (MATOS, 2005). Em seu trabalho sobre a escola de samba Unidos de Lucas, no Rio de Janeiro, Marcelo Matos já nos aponta que esse fenômeno

é mais comum nas escolas de grande projeção midiática, com destaque para as escolas de samba do grupo especial. No caso de escolas pequenas esses sujeitos esporádicos seriam mais raros. Mais raro ainda, podemos supor, seriam esses sambeiros em escolas de sambas pequenas de cidades pequenas, já que essas agremiações não oferecem aos membros tempo de mídia, dinheiro ou fama. Ela pode oferecer, quando muito, prestígio e respeito entre os sambistas para aqueles indivíduos que trabalham cotidianamente pela escola, possuem uma história entrelaçada com a agremiação e envolvimento responsável e comprometido com a agremiação. E esses aspectos não condizem com a comunidade estética descrita por Bauman.

Dessa forma, apesar da possibilidade de ocorrer diferentes interpretações acerca da tradução, e de enquadrar as comunidades do carnaval em comunidades estéticas, percebemos que os laços desenvolvidos pelas escolas de samba entre seus membros não são fracos, momentâneos ou “sem consequência”⁴. As escolas de samba possibilitam que outros pontos além da sua periodicidade fortaleçam vínculos, estimulem o pertencimento e promovam a solidariedade entre os indivíduos que compreendem suas comunidades.

Isto posto, ao se perceber partícipe de uma comunidade, o movimento de questionamento dos elementos que nos mobiliza em torno dela é acionado. Quando tratamos de uma escola de samba, vamos logo nas imagens que caracterizam a escola: cor, bandeira, bateria, velha-guarda, etc. Não obstante, o lugar é outro caminho ao qual podemos recorrer para compreender essa relação.

Esse movimento foi acionado em mim ao compreender o caminho que a pesquisa tomava e indicava a direção ao Bonecos Cobiçados. Perguntas como “O que te faz torcer pelo Bonecos?”, “Qual é a relação que possuo com a comunidade?”, “Posso pertencer a comunidade verde e rosa mesmo morando em outra cidade?”, “Por que escolhi falar sobre o Bonecos e não sobre outra escola?”, “Por que torço para o Bonecos?”. Essas e outras perguntas serão discutidas na próxima seção, onde traço uma trajetória pessoal que versa sobre o percurso que me trouxe até esse trabalho.

⁴ “Quaisquer que sejam os laços estabelecidos na explosiva e breve vida da comunidade estética, eles não vinculam verdadeiramente: eles são literalmente “vínculos sem consequências”. Tendem a evaporar-se.” (Bauman, 2003, p. 67).

Utilizo a expressão mobilizada por Bauman (2003) para caracterizar as comunidades estéticas.

2.1. “Quem conheceu *cobiçou*, logo passou a amar.”

Desde o início dessa pesquisa fui confrontado com a seguinte questão: O que é o Bonecos Cobiçados para você? Nessa tentativa de responder acabei enveredando por memórias e experiências que tive na escola de samba e por conta da escola de samba. As pessoas que conheci lá, os momentos bons e os ruins, as brigas e as risadas que o Bonecos Cobiçados me proporcionou, enfim, nesse processo pude perceber um elemento em comum às lembranças e tentativas de explicação: o lugar. Todas as experiências eram marcadas espacialmente, seja na quadra do Bonecos ou na Avenida Presidente Vargas, onde ocorrem os desfiles das escolas de samba, ou na Praça Conselheiro Rodrigues Alves, onde acontecem apresentações das escolas no período que antecedem os desfiles.

À luz disso, ao ser levado a caminhar pelas ruas do entorno do Bonecos Cobiçados, um ponto referenciado espacialmente, eu recorro às experiências que tive ao longo da minha infância, onde brincava carnaval e onde criei memórias com minha mãe e com minha irmã. Nesse momento, percebo que se desejo compreender sobre a construção desse lugar para mim, inevitavelmente vou mobilizar minha própria vida para explicar.

Uma das lembranças mais antigas que possuo é a da parte traseira de um carro alegórico do Bonecos Cobiçados. Do que me recorro são algumas pipas que subiam da estrutura da alegoria e passavam a sensação de voo, infelizmente a lembrança não possui muito detalhe. É uma memória bem vaga, afinal eu era uma criança. Não sei se é uma lembrança construída a partir de descrições que ouvi sobre aquele desfile ou, caso eu tenha assistido aquele desfile, se essa imagem que tenho em recordação realmente existe. A questão é que esse carro fez parte do desfile do Bonecos Cobiçados no carnaval de 2004, que se apresentou com o enredo “A história da pipa, símbolos, mitos e lendas da China, as descobertas científicas” (BONECOS, 2004).

Essa é uma das primeiras lembranças que possuo da vida, assim como também é a primeira da qual o Bonecos faz parte. Durante toda minha infância a escola esteve presente como um lugar onde havia samba e fantasias bonitas, carros alegóricos que fascinavam pelo tamanho e gente se divertindo. Se não era por causa da quadra, era por causa dos sambas que ouvíamos em casa. Quando chegava a época do carnaval minha mãe guardava na minha mochila os CDs com os sambas das escolas, para que eu levasse para meu colégio católico e entregasse para as freiras. Durante a época de carnaval, os alunos eram autorizados a sugerirem

músicas para reproduzir durante o intervalo das aulas, e minha contribuição era com os sambas de Guaratinguetá e também do Rio de Janeiro.

Conforme ia crescendo, o carnaval passou a ser um ambiente de descontração, onde minha mãe levava minha irmã e eu para brincar ao som de marchinhas e samba. Nós andávamos pela rua do bairro ao som de samba e marchinha, fizesse chuva ou noite estrelada, e depois parávamos na quadra do Bonecos para beber uma água, no caso das crianças, e a saideira, para os adultos. Quando chegava o dia do desfile havia uma movimentação diferente na cidade, a cidade parecia mais silenciosa nas ruas do centro, até anoitecer.

Com o cair da noite, minha mãe colocava roupas com o símbolo do Bonecos em mim e na minha irmã, isso quando conseguíamos camisetas da escola, já que nem sempre produziam em quantidade suficiente para a comercialização. As que tínhamos era com a ajuda da nossa vizinha, que tinha uma filha que namorava o mestre de bateria da escola, e por causa disso conseguia as camisetas da escola. Quando não conseguíamos, minha mãe dava preferência para roupas coloridas, especialmente para as cores verde e rosa. Depois, ela arrumava uma bolsa com refrigerantes e sanduíches para levarmos para a avenida e aguentarmos a madrugada inteira, e desse jeito nós atravessávamos a ponte para ver os desfiles, e especialmente, ver o Bonecos desfilar.

Apesar disso tudo, existem coisas que fogem da nossa possibilidade de escolha. Racionalmente eu me questiono e já fui questionado sobre as razões que me levam a torcer para uma escola de samba que possui poucos títulos, sendo o último conquistado em 1974, vinte e seis anos antes de eu nascer, e que não se mostra competitivo há décadas. Qual motivo me faz torcer para uma escola pouco organizada, de administração instável e com um histórico de derrota lamentável? Racionalmente eu não sei, sinceramente. Poderia levantar a hipótese da proximidade da sede com o bairro em que eu moro, ou então o fato da minha mãe ser torcedora do Bonecos – aliás, a primeira vez que ela desfilou foi em 1975, um ano após o primeiro e último campeonato da escola. Mas qualquer uma dessas justificativas não dariam conta de responder a razão pela qual eu me submeto ano após ano ao sofrimento de ver minha escola ser derrotada, do estresse de colaborar com a realização do carnaval e observar a falta de recursos financeiros e de comprometimento de alguns diretores, de desunião de parte da comunidade, ou ainda a irritação com as injustiças que sentimos diante de julgamentos duvidosos em anos que fazemos bons carnavais. Seria mais saudável para mim e para minha família se nos afastássemos ou se fôssemos para outra escola mais organizada. Mas isso não acontece, e dificilmente aconteceria. E nem quero que aconteça.

E porque não acontece? O que faz com que eu continue me dizendo Bonecos Cobiçados? Não somente eu, mas minha família, o que nos enlaça ao Bonecos de forma tão forte que não conseguimos desapegar da agremiação? Porque ao tentar responder a essas perguntas eu sempre recorro a minha própria vida? Algo me segura nessa relação, algo que ultrapassa uma percepção consciente e se renova ano após ano.

Vimos na seção anterior que existem elementos que nos envolvem em grupos e permitem que indivíduos se identifiquem em comunidades, que estão espacialmente delimitadas e desenvolvidas em torno de relações como parentescos, amizade e vizinhança. Pudemos perceber o estreito diálogo entre comunidades e o lugar a que pertencem, e nesse sentido, é interessante que possamos reservar a esse conceito geográfico um espaço de análise mais atento.

A relação que o Bonecos Cobiçados possui com o bairro e com seus moradores pode ser identificado em alguns momentos da breve explanação sobre minha experiência anteriormente narrada. Por exemplo: quando minha mãe nos levava nos blocos e caminhávamos pelas ruas adjacentes da quadra do Bonecos Cobiçados; quando eu levava CDs para meu colégio que ficava próximo da quadra e era um ambiente formal de ensino que dialogava com a agremiação carnavalesca; quando a referência que eu tinha dentro da agremiação era minha vizinha, amiga da minha mãe; quando a autorização e convite para que eu pudesse participar dos eventos da escola de samba partiam da minha própria mãe; quando outras escolas da cidade não foram sequer citadas e só podiam ser experienciadas por mim no dia do desfile, em função da distância de onde eu morava. Nesses traços destacados, são visíveis a relação de parentesco, vizinhança e amizade, fatores que condicionam o desenvolvimento de comunidades, como já pudemos observar, e além disso, podem dizer sobre a formação de um lugar.

Conforme Yi-Fu Tuan nos aponta, o “lugar é um centro de significado construído pela experiência” (TUAN, 2018, p. 5), onde a experiência é o modo como conhecemos e sentimos nosso mundo. Dessa maneira, as experiências individuais ocasionam a criação de lugares com características diferentes, mesmo que dite sobre um mesmo ponto da superfície da terra, uma vez que depende das sensações e percepções de cada um que é tocado pela experiência. Além disso, o lugar pode se manifestar em diferentes escalas, uma vez que num “nível altamente teórico, os lugares são pontos no sistema espacial. Num extremo oposto, são sentimentos altamente viscerais.” (TUAN, 2018, p.6), de tal modo que é um ponto referenciado no espaço, que não tem na sua dimensão física um condicionante para sua existência. Assim, um espaço só se torna lugar a partir da experiência de uma pessoa, com base em Tuan (2018).

Larrosa Bondía (2002) afirma que a experiência é aquilo que nos toca, aquilo que nos acontece e nos passa, sendo assim, é aquilo que transforma, e o sujeito da experiência é o “espaço onde têm lugar o acontecimento” (BONDIA, 2002, p. 24), e se define pela abertura que se dá àquilo que lhe acontece, que lhe toca e que permite que lhe transforme.

Assim, compreendemos que a narrativa sobre minhas experiências é mais que uma fala despretensiosa nesse trabalho. Ao trazer um relato pessoal para esse texto, estou propondo uma reflexão sobre a construção do lugar a partir da minha experiência. Se o lugar é construído com a experiência do sujeito, e o sujeito da experiência é aquele que permite ser tocado, ser transformado pelo que se passa no entorno, meu relato colabora com a proposta de reflexão.

Entretanto, é preciso ter em perspectiva que um lugar não possui necessariamente o mesmo significado para todos. Tuan nos aponta que não é possível criar um compêndio de todos lugares do mundo, uma vez que eles são instáveis e variáveis entre os indivíduos (TUAN, 2018). Aquilo que vale para mim na construção do lugar não é necessariamente compartilhado entre todos os torcedores do Bonecos de forma igual. Além dos elementos que permitem a identificação com a escola, há outros processos que desenvolvem o afeto com o lugar.

E assim como Bauman (2003) nos apontou sobre a dificuldade de perceber os elementos que nos fazem identificar com uma comunidade por estarem tão intrínsecos na nossa existência, Dias (2019a) nos diz sobre a dificuldade de perceber os sentimentos que envolvem um lugar.

Da mesma forma, podemos perceber ou não algo que estamos sentindo em determinados lugares. Alguns lugares parecem nos afetar mais do que outros e esta variação ocorre em virtude da história de cada um e como ela se apresenta na relação com os lugares. Não é simples ter a percepção daquilo que é sentido por um lugar ou em algum lugar. Menos ainda é automático e imediato. Podemos sentir e perceber a sensação, mas será posteriormente que o sentido de lugar poderá emergir. (DIAS, 2019a, p. 90).

Nesse sentido, entender as razões pela qual participamos de uma comunidade e como nos envolvemos com os lugares não é um processo simples. No contexto do envolvimento com escolas de samba, temos suspeitas sobre os elementos que nos enlaçam às comunidades, mas ainda temos em suspensão sobre as razões que tornam as escolas um lugar.

Em sua tese, Dias (2019a), destaca a aparição de uma mesma palavra que se refere a uma cidade possuindo diferentes significados para cada pessoa que a dizia, percebendo que uma palavra pode dizer sobre um ponto referenciado espacialmente, mas além disso, evocava para aquelas pessoas definições diferentes, e mais que isso, sentimentos diferentes. Assumindo que aquela palavra dizia sobre as experiências com o lugar daquelas pessoas, entendemos que o lugar se faz individualmente, mesmo que estejamos falando sobre um mesmo espaço geograficamente delimitado.

Ao falar sobre carnaval, estamos dizendo sobre uma festa que em seus primeiros anos recebeu apoio do governo nacional para que pudesse crescer e fortalecer, visando a criação de uma identidade brasileira, tendo o samba como uma das principais imagens a serem exportadas do Brasil durante a ditadura de Getúlio Vargas. (CABRAL, 2012). Mas mais que falar sobre esse aspecto histórico-cultural, estamos tratando de uma festa onde o lugar possui extrema relevância em sua criação e desenvolvimento. Foi no bairro Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, onde um grupo de amigos fundou a primeira agremiação carnavalesca a se apresentar com o samba, posteriormente, foi em Oswaldo Cruz e em Mangueira que as duas escolas de samba mais antigas em atividade nasceram (CABRAL, 2012). Em Guaratinguetá, por exemplo, foi também um grupo de amigos do bairro do Campinho que fundou a escola de samba mais antiga em atividade, o Bonecos Cobiçados, em 1957.

Assim, tendo em perspectiva a presença do lugar na história das escolas de samba, destacamos seu protagonismo dentro das agremiações. As comunidades do carnaval se espacializam em torno das suas escolas de samba, comumente condicionadas também aos bairros onde estão as sedes sociais das escolas, e levam para suas apresentações os signos identitários que os representam dentro daquela comunidade. Essa apresentação costuma acontecer em espaços reservados para esse evento: Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, Anhembi, em São Paulo, ou a Avenida Presidente Vargas, em Guaratinguetá, conhecida na cidade como a “Avenida do Carnaval”, além de outros locais, como praças ou as ruas principais dos bairros das agremiações.

Nesse sentido, o carnaval é uma festividade em que o lugar é um determinante para sua realização. As escolas se desenvolveram a partir de comunidades que são condicionadas espacialmente e seguem sua trajetória exaltando seu lugar. Não há escola de samba sem compromisso com sua comunidade.

Tendo isso em vista, da mesma forma como uma escola de samba é feita de gente para gente, os lugares são criados por seres humanos para propósitos humanos (TUAN, 2018). Nesse sentido, é importante perceber as marcas que as pessoas deixam nos lugares e as marcas que os lugares deixam para as pessoas. No nosso caso, os lugares das escolas de samba, e especificamente, os lugares do Bonecos Cobiçados.

Seguindo com Tuan, quando o autor afirma que “Viver em um lugar é experienciá-lo, é estar ciente dele tanto nos ossos, como na cabeça. O lugar, em todas as escalas, da poltrona à nação, é um constructo.” (TUAN, 2018, p.14-15), notamos o avanço do entendimento do lugar além de um ponto referenciado no espaço, e inclui o psíquico na sua constituição.

Acerca da inclusão do psíquico na compressão sobre lugar, Dias (2019a) nos aponta que eles são construídos por processos psíquicos que nos levam a criar relações de afeto com base em experiência anteriores. Dessa forma, nós viveríamos nossa realidade geográfica também pela realidade psíquica, propondo que:

É na dobra dessas realidades que o lugar se constitui e é vivido. Nossas experiências no presente e no passado são centrais nessa relação com os lugares, o modo como vivemos e nos lembramos está para além do que é factual. Existe algo que não definimos, conscientemente, mas que nos acompanha em nosso inconsciente, e que nos permite viver o mundo a partir de nossas experiências que tenho sinalizado como realidade psíquica. (DIAS, 2019a, p. 111).

A autora nos aponta, em sua tese, para a existência das realidades geográfica e psíquica, que seria onde criaríamos nossas relações com o mundo, algo, então, que se construiria conforme as experiências se dessem ao longo da vida, sendo um instrumento que permite a observação da subjetividade dos efeitos de acontecimentos para diferentes indivíduos (DIAS, 2019a). Sob essa ótica a “experiência com o lugar é para cada um, e a questão é compreender as duas realidades como pertencentes à mesma realidade, a geopsíquica.” (DIAS, 2019a, p.116).

Os lugares geopsíquicos “em todos seus afetos e significância é vivido por meio da realidade psíquica.” (DIAS, 2019a, p.115). Ao trazer essa perspectiva psicanalítica para a compreensão do lugar na geografia, a autora propõe a análise da construção do lugar a partir da dobra entre o mundo externo e o interno do indivíduo.

Dias (2019a) nos afirma que o lugar geopsíquico se constitui entre o mundo interno e o mundo externo, ou seja, na dobra topológica. Essa dobra, ainda de acordo com a autora, seria onde haveria o contato entre o lugar referenciado espacialmente e aquilo que acompanha o sujeito em sua vida, com suas experiências anteriores que o constituem, ou seja, o contato entre a materialidade do mundo externo com a individualidade do mundo interno. Seria então “a existência de uma dobra entre nosso mundo interno e o mundo externo. Uma dobra através da qual o externo se dobra ao interno e o interno se dobra ao externo. É junto. É com. É um como face do outro, um como avesso do outro.” (DIAS, 2019a, p. 103).

Tendo isso em vista, compreendemos que o lugar geopsíquico não é construído apenas com aquilo que pode ser localizado na superfície terrestre, mas sim com a experiência e com o histórico de vida da pessoa que vive o espaço e o transforma em lugar.

Diante disso, ao transpormos o que vimos até agora sobre lugar ao Bonecos Cobiçados, podemos supor que ao repetir a pergunta que a mim foi feita e que me fiz ao longo dessa pesquisa “O que é o Bonecos para mim?”, alterando o sujeito, de forma que fique “O que é o Bonecos para você?” não encontraríamos, necessariamente, a mesma resposta. Apesar de

estarmos falando sobre o mesmo ponto fixo na superfície terrestre, localizado na rua São Roque, fazendo esquina com a rua São Sebastião, o lugar se completa com a experiência individual. Somente os elementos constitutivos da escola não dizem sobre a construção do lugar, ou justificam o envolvimento das pessoas com a agremiação – ou justificam? O Bonecos é um lugar só para todas essas pessoas? Todas elas identificam o Bonecos Cobiçados na sua sede social ou no Campinho?

Diante dessas dúvidas sobre o que o Bonecos Cobiçados representa para seus torcedores e membros, busquei, para esse trabalho, realizar conversas com participantes da escola de samba que possuem envolvimento com a agremiação. Não foi feito uma entrevista com perguntas pré-concebidas, ou um questionário falado. A ideia era ouvir dessas pessoas sobre suas histórias com o Bonecos, com o carnaval da cidade e a relação que elas possuem com a comunidade da escola. Apenas uma pergunta foi feita em comum para todas as pessoas “O que é o Bonecos Cobiçados para você?”. Dessa forma, na próxima seção eu proponho uma reflexão entre alguns momentos das conversas com os conceitos que já vimos até agora, de modo a compreender o que a escola de samba é para essas pessoas.

3. “Abram alas, pessoal! Viemos apresentar o nosso carnaval!”

Na seção anterior, vimos que Tuan (2018) afirma que o lugar é um conceito muito denso em teoria e ao mesmo tempo extremamente visceral, e que se experiencia tanto nos ossos, ou seja, na materialidade do lugar que nos toca fisicamente, quanto na mente, ou seja, o psíquico. Quando falamos sobre uma escola de samba, como temos feitos até agora, podemos perceber que não é simples apontar as motivações que movem uma pessoa a se envolver com uma agremiação. Percebemos que elementos como a proximidade de onde residem com as quadras das escolas, as relações de amizade que desenvolvem com a vizinhança, relações de parentesco, envolvimento com a comunidade da qual pertencem, podem ser mobilizados para compreender o que torna uma escola de samba um ponto cordial para aquelas pessoas que a compõem. Essa perspectiva acerca do ponto cordial é trazida por Galvão Filho (2018) tendo como razão a consideração do modo como o indivíduo habita o mundo. Esse saber se orientaria a partir de

“referências de um mundo vivido geograficamente enquanto experiências de paisagens, territórios e lugares. Referências emergidas das batidas de corações que pulsam e invadem as mentes dos homens, pulsar criador de referenciais emergidos da condição terrestre e orientadores de um modo geográfico de compreensão do mundo. A geosofia feita de pontos cordiais, um modo de pensar geograficamente o mundo e feito de sentimentos geográficos de mundo.” (GALVÃO FILHO, 2018, p.128).

Dessa forma, percebemos que estamos tratando de um lugar que dispara sentimentos potentes dentro de cada pessoa, de tal modo que é visceral. Durante a realização dessa pesquisa, pude visitar o bairro do Campinho e a quadra do Bonecos Cobiçados, assim, reencontrei pessoas da escola e pude novamente escutar coisas que sempre são ditas na escola.

Entre o exercício de escutar o que era dito durante uma reunião com diversos setores da escola, ouvi de duas componentes um diálogo, muito comum entre os torcedores. A primeira dizia que tinha a sensação de que morreria e não veria o Bonecos Cobiçados ser campeão do carnaval. Ao ouvir isso, as pessoas do entorno concordavam e se lamentavam sobre as derrotas da agremiação. Entretanto, a segunda componente fez o discurso contrário, ela afirmou que só morreria depois de ver o Bonecos campeão do carnaval. Ao dizer isso, as outras pessoas da reunião riram e disseram que, se fosse assim, a escola não poderia vencer, já que “custaria a vida da componente”, entretanto, a segunda componente reafirmou o desejo de só morrer depois de ver sua escola de samba campeã e adicionou que “vou poder morrer em paz, tranquila!”.

Essa passagem demonstra o que Tuan (2018) e Galvão Filho (2018) dizem sobre um lugar tratar sobre algo visceral e direcionado pelo coração. Ainda, sobre entender que a escola de samba é uma festividade, mas que possui um lugar, ou lugares espacialmente referenciados no mundo, mas que se realizam também na dobra, afinal, como Dias (2019a) afirmou, o nosso “coração nos aponta caminhos a seguir, nos coloca em movimento e nos lembra em cada lugar sobre nossa condição terrestre. Nos movimentamos pelo mundo guiados por nossa realidade geopsíquica. Vivemos cada lugar em sua dobra e todos encadeados. (DIAS, 2019a, p.140). Isto posto, seguiremos com o lugar geopsíquico para entender o Bonecos Cobiçados e suas diferentes manifestações enquanto lugar para cada indivíduo que o vive.

3.1. “Tudo isso no Campinho tem!”

Um samba-enredo é capaz de provocar inúmeros sentimentos. A melodia, o ritmo e a letra se combinam gerando a quem escuta um turbilhão de sensações que se transformam em alegria, dança e canto. Ele é poderoso por sua história de resistência, pela sua trajetória de reinvenção, e pela mistura de estilos musicais que nasceram ao se espalhar pelo Brasil. Ele pode ser emocionante, comovente ou alegre. Pode ser que embale um choro ou que seja a alma de uma festa. Mas ele é, antes de tudo, a criação de uma pessoa.

Um samba-enredo é o resultado do processo criativo de alguém, que às vezes, num lapso de inspiração desenvolve toda a letra e a melodia em apenas um final de semana. Ele é a tradução de um enredo que uma escola de samba vai levar para o próximo carnaval, e conseqüentemente, ele é a voz de toda uma comunidade. O samba é a linguagem universal do sambista. Mas ele é, antes de tudo, a criação de um compositor.

Um samba-enredo é capaz de fazer com que seu criador sorria ao lembrar dos momentos da sua criação. Ele pode provocar um riso tão sincero ao relembrar os dias que antecederam a composição dos seus versos, as conversas que teve com o amigo que compôs a letra em parceria, e os embates dos bastidores de uma agremiação em tempos de pré-carnaval. O samba permite que o compositor se enverede por memórias paralelas àquelas que remetem ao seu nascimento, faz com que ele retorne dez anos antes para resgatar um elemento que, a quem escuta pode não fazer sentido, mas que para ele pode significar tudo. O samba leva seu autor para lugares distantes, o faz recordar do dia da gravação em estúdio e gera a imagem que representa o orgulho do criador ao ver sua criação: o sorriso.

O criador tem nome: Celso Silva. E o samba em questão também: “Di Samba, Di Mulata, Di Guaratinguetá, fez-se Arte Brasileira” (BONECOS COBIÇADOS, 2002). O enredo era sobre o pintor Di Cavalcanti, mas para o compositor, apesar do seu grande apreço pela cultura, a variação da melodia no refrão alterada na hora da gravação no estúdio mereceu mais destaque do que falar comigo sobre aquele personagem homenageado no enredo. Seu primeiro verso intitula essa seção e não poderia ser diferente. Durante a conversa, Celso canta apenas o refrão para demonstrar a diferença na melodia que aconteceu de última hora quando cantou sua composição para o intérprete que daria a voz para ao samba, e nesse momento, o sorriso que ele abre acompanhado da narrativa sobre a história do samba de enredo para o carnaval de 2002 me permitiu vislumbrar os caminhos que esse trabalho rumaria, de tal forma que intitula esse trabalho: “**De verde e rosa eu vou**, eu vou / Di Cavalcanti é amor / Mulata, samba, carnaval / Bonecos faz seu festival!”

Eu cheguei para essa conversa um tanto nervoso. Ao longo da pesquisa pude encontrar o nome do Celso em diversos sambas, em sites que colaboraram com a pesquisa, e na boca das pessoas que falavam sobre o Bonecos. Soube, desde o começo, que ele seria uma pessoa importante para o trabalho, e não estava errado. Logo no primeiro contato percebi que seria uma conversa rica, e que não acabaria em apenas um encontro nem nesse trabalho.

Celso demonstrou muita disposição em colaborar com a pesquisa, deixou claro seu interesse em trabalhos que tenham como tema o carnaval guaratinguetaense e demonstrou seu apreço pela preservação da memória e da tradição de manifestações culturais.

Assim, fiz uma breve explicação sobre o que eu pretendia com a conversa e pedi para que ele contasse sobre suas histórias no carnaval. Celso começou um tanto cuidadoso, recordando sua história de compositor, explicando que, por conta de ser um profissional da música, teve passagens em outras que escolas que não o Bonecos Cobiçados, mas que deixou claro que “*minha camisa é verde e rosa*”. Ele diz que compositor “*é que nem jogador de futebol: ele tem seu time, mas joga onde tiver espaço para ele. E o compositor e o cantor sempre foi assim também, ele sempre tem sua bandeira.*”

Vemos, logo de início, a indumentária retornando como um fator importante de identificação com a escola, fazendo comparação com times de futebol. Ainda, reforça que todo profissional da música possui sua bandeira, e a dele é a verde e rosa.

Durante toda a conversa, em que escutei sobre as experiências do Celso no carnaval e no Bonecos Cobiçados, foi visível a preocupação com datas. Ao ir rememorando suas histórias,

ele anunciava a data e seguia com a contação. Algumas vinham com muita certeza, mas outras eram incertas, geravam dúvida, mas não impediam a lembrança de vir à tona. Entre elas, cinco datas foram recorrentes na conversa e tratavam dos sambas que ele competiu na escola, sendo campeão ou não. Somente a partir dessa marcação temporal, percebemos que Celso tem como orientação passagens em que esteve compondo para a escola de samba, sendo vencedor ou não. Nos anos de 1984, 2002, 2007 e 2019 Celso assinou os sambas que foram para a avenida com o Bonecos Cobiçados, e em 1992 Celso relembra da sua participação em outras agremiações, mas que circundavam sua trajetória com o Bonecos Cobiçados. Percebendo essa orientação feita por datas em sua fala, vale apresentar melhor o ilustre personagem que estamos tratando.

Celso Silva é professor de música, cantor, compositor. Iniciou sua trajetória no Bonecos como ritmista, tocando chocalho em 1973, onde seguiu até o fim da década de 1980. Ele destaca sua participação no campeonato da escola em 1974, único conquistado na Avenida Presidente Vargas, e ressalta que é uma das poucas pessoas que sabem cantar aquele samba, uma vez que não o samba não possui gravação. Além de ter sido campeão em 1974 no carnaval de Guaratinguetá, Celso lembra que *“Aquele ano a Bonecos foi campeã em Taubaté. Eu até fui desfilar lá em Taubaté com o Saluba Bahia, que ganhou aqui e ganhou lá em Taubaté foi um concurso no Joaquinzão, um estádio de futebol. E eu me lembro que teve uma escola de Bananal super rica de fantasias e tal, que foi lá concorrer e teve duas de Taubaté: a Estiva, que não me lembro se era azul e branco ou vermelho e branco... lembro que uma era vermelho e branco e a outra era azul e branco, ou vice e versa. E as duas escolas foram enxertadas pelas Embaixada e pela Tamandaré, e o desfile aconteceu ali no gramado do estádio. E aí a Bonecos foi, como campeã daqui de Guará, ela foi convidada. E as outras foram pra lá enxertar as escolas de Taubaté. E a Bonecos foi campeã lá também. E eu fui campeão duas vezes: aqui em Guará e lá em Taubaté.”*

Podemos perceber aqui que mais de um lugar foi mobilizado para recordar o campeonato da escola de samba em 1974. Em apenas uma lembrança, Celso mobilizou três cidades, um estádio de futebol, outras duas escolas de fora de Guaratinguetá, lembradas mais pela cor do que pelo o nome, e duas de Guaratinguetá. A associação pela cor não foi à toa, a Embaixada do Morro e a Unidos da Tamandaré possuem as cores vermelho e branco e azul e branco, respectivamente, e a Boêmios da Estiva carrega as cores vermelho e branco. Aqui, vemos o processo de condensação de diferentes lugares mobilizados para falar sobre outro, esse fenômeno é explicado por Sigmund Freud, por exemplo, ao falar sobre os sonhos:

Seus efeitos são bem fáceis de demonstrar. Se pensarem em seus próprios sonhos, os senhores não terão dificuldade de se lembrar da condensação de diversas pessoas em uma só. Essa pessoa composta de uma mistura terá, por exemplo, a aparência de A, mas estará vestida como B; estará executando uma tarefa que lembra C, mas saberemos que se trata de D. Naturalmente, com essa construção mista é realçado algo que as quatro pessoas têm em comum. Assim como ocorre com pessoas, pode-se também produzir uma mistura de objetos ou localidades, uma vez obedecida a condição de que esses objetos ou localidades compartilhem de algo que o sonho latente acentua. (FREUD, 2014, p.187-188)

Para falar sobre o Bonecos, Celso se deslocou entre vários lugares para contar sua experiência. Dias (2019a) nos aponta que aquilo que vivemos nos marcam, e essas marcas serão carregadas para outras experiências em outros lugares. Assim, essas experiências serão vividas sob o registro do que trazemos conosco. “Nossas emoções e sentidos não são exclusivos de experiências com um único lugar, mas o que sentimos em determinado lugar é deslocado para outros lugares. (...) Como se os lugares da vida de cada pessoa estivessem ligados em uma cadeia.” (DIAS, 2019a, p. 114).

Já na década de 1980, Celso conta que iniciou sua trajetória como compositor, iniciando primeiro no Bloco Lé lé da Cuíca, também de Guaratinguetá, mas teve seu primeiro samba cantado pelo Bonecos em 1984, com o enredo “Mata o Véio!” (BONECOS COBIÇADOS, 1984). Ao longo dessa década, apontada por ele como o auge do carnaval de Guaratinguetá, Celso nos diz que foi quando passou a participar do carnaval como compositor, indo para outras escolas e se inscrevendo nos concursos de samba de enredo.

Entretanto, foi também nessa década que Celso passou por situações dentro do Bonecos que o levaram a desencantar com a escola, de modo que gerou momentos de afastamento. Mas esse afastamento nunca foi de torcida. Não participava mais dos concursos, não frequentava mais a sede, mas nunca deixou de ser torcedor da escola. Afinal, como ele aponta, sua mãe nunca deixou de morar no Campinho, de modo que dificilmente se afastaria da comunidade de forma definitiva. O distanciamento tanto não foi definitivo que Celso retornou à escola em outros carnavais, vencendo três sambas entre os anos 2000 e 2020. Mas nesse ínterim, ele se desenvolveu como músico, fazendo cursos e profissionalizando sua carreira artística.

Feito esse breve relato, destaco uma preocupação que Celso teve durante nossa conversa. Quando perguntei a ele sobre as experiências pessoais, ele me questionou se meu interesse era sobre sua vida ou sobre a história do carnaval de Guaratinguetá e sobre a história do Bonecos Cobiçados. A essa altura, ele já havia me contado sobre sua iniciação na escola

como ritmista e avançado brevemente em sua história na década de 1980, e então fiquei desarmado. Tinha ido para aquela conversa entendendo que seria a partir das narrativas biográficas dessas pessoas com forte participação no carnaval que eu encontraria o que ainda não estava à minha vista nesse trabalho. Quando Celso me questionou sobre isso, dando a entender que seria mais interessante falar sobre o carnaval do que sobre sua vida – o que não seria um problema, como ele enfatizou, e ainda disse que poderia incorrer ao perigo de “falar demais” – questionei o método que tinha pensado em levar a conversa. Sabia que deveria ter o discernimento de entender quando a pessoa não se sentisse confortável, e aquele momento pareceu um sinal. Apesar disso, considerando sua disposição em seguir com aquelas histórias, decidi por manter a proposta de levar a conversa tendo o Celso como ponto central.

Com o andamento da entrevista percebi que havia acertado na decisão. A preocupação de Celso sobre a divisão entre sua história e a história do carnaval de Guaratinguetá ou do Bonecos não é um problema. Ao entender a escola de samba um produto cultural, feito por gente, as histórias individuais dos seus membros dizem, inevitavelmente, sobre a história da própria agremiação e do carnaval. E assim eu percebi aquelas histórias que ouvi do Celso. Mesmo se entendermos as histórias como distintas, é como se o Celso caminhasse ziguezagueando pela a história do Bonecos, de forma que elas se cruzam e se misturam constantemente. Assim, falar do Celso é falar do Bonecos, e falar do Bonecos é falar do Celso.

Em outro momento da conversa, fui advertido por ele em relação ao nome da agremiação. Celso me afirmou que seria importante eu perceber como eu estava me referindo ao Bonecos Cobiçados no meu trabalho. Para ele, seria mais correto dizer “a Bonecos Cobiçados”, por ser uma escola de samba, na qual usaríamos o artigo feminino. Eu afirmei que dizia “o Bonecos Cobiçados” por conta de se tratar de um “Grêmio Recreativo”, onde o gênero masculino prevaleceria, além do próprio nome da escola ser no masculino.

Desse pequeno embate, algo mais relevante prevaleceu para mim do que o correto uso gramatical do artigo. Pude perceber que essa pequena mudança provocava uma mudança de visão sobre o Bonecos, um único artigo manifesta a diferenciação da experiência de um lugar. Para mim: *o* Bonecos, para ele: *a* Bonecos. Falamos de uma mesma coisa?

Dias (2019a) nos traz, em diálogo com Lacan, a dimensão do inconsciente expresso pela linguagem. Nessa perspectiva, é por meio da linguagem que temos acesso ao inconsciente, pois por meio dela que o inconsciente se estrutura. Assim, é por meio da fala que poderemos apreender a manifestação do lugar geopsíquico para cada uma das pessoas com quem conversei.

Ao longo da conversa, Celso fala sobre sua participação em uma disputa de samba, recorda o ano de 2002, quando havia se afastado mais uma vez da escola. Essa é parte do momento em que ele narra a criação do samba que apontei anteriormente, e onde pude viajar com ele ao longo da história e dos espaços.

*“Eu não queria, eu não queria, aí o mote final foi o Miguezín, o carnavalesco da época. Daí o samba... tem uma história que ele o Marquinhos foram na minha casa, porque eu falei: eu não vou fazer, não vou fazer, não vou fazer, só que assim... sabe... assim, sabe aquela **chamazinha que fica lá?** Isso aconteceu numa sexta-feira, daí no sábado eu criei, me veio aquela luz divina, o Waldemar foi essencial, mas no sábado eu criei o refrão: De verde rosa eu vou, eu vou... na mesma hora eu liguei pro Waldemar. Falei, isso aqui tá muito bom. No fim de semana a gente terminou, e ficou que nem é até hoje.”*

Celso começa afirmando que não queria voltar a participar do concurso na escola, e é enfático ao afirmar isso. Entretanto, conta que seu retorno foi mediado pelo carnavalesco e por colegas da época, enquanto ele dizia isso se recorda da história de quando os responsáveis pela escola na época foram até sua casa e o convenceram a fazer o samba. Segundo ele, no dia seguinte ele compôs o refrão, e no resto do fim de semana o samba estava completo, da forma que podemos encontrar até hoje. Mas algumas coisas nessa fala se destacam, e eu começo apontando para a tal “chamazinha” que ele diz que “fica lá”. No momento eu me questionei que chamazinha era essa que o impedia de se afastar da escola e fez com que ele compusesse outro samba para a agremiação.

Essa chamazinha possui um lugar que não é dito, mas existe. E ela é capaz de mover uma pessoa decidida a não fazer algo e fazê-la se contrariar. E mais que isso, ela não parece ser exclusiva do Celso. Ele me questionou “sabe aquela chamazinha”, de modo que eu assenti com a cabeça sabendo do que se trata. Afinal, uma das questões que trago desde o começo desse trabalho é a razão que nos faz ser Bonecos Cobiçados, e uma das formas de dizer que existe algo que nos prende àquela escola é afirmando que uma chamazinha existe “lá”. Ela, que não se apaga mesmo quando estamos distantes, e que com um sopro qualquer pode novamente virar um fogaréu, é o que nos mantém fiéis à escola. Esse sopro pode ser um pedido de um amigo, como aconteceu com Celso, pode ser um samba ou outra coisa que é capaz de movimentar a pessoa.

Dias (2019a), nos aponta que existe uma “força ligada aos processos psíquicos, que nos move em certa direção. Observe: força movente, certa direção, modo de estar no mundo.”

(DIAS, 2019a, p.159). Essa força, para a psicanálise, é a pulsão, e o que a autora nos traz é o objeto pulsional, que seria único para cada pessoa e capaz de gerar movimento. Assim, essa chamazinha que permitiu que nosso compositor retornasse para a disputa e compusesse um samba em um fim de semana foi o que o movimentou em direção ao Bonecos, e que anteriormente o afastara por alguma razão que desconhecemos.

Esta força que nos impele também nos leva ao movimento para encontrar ou evitar certos lugares. As pessoas não se põem em movimento sem que haja um investimento libidinal ou sem que algo as mova. Esta é mais uma característica da ideia do lugar vivido na dobra: uma força interna que move o sujeito a uma ação no mundo. (DIAS, 2019a, p. 159).

Nessa esteira, ao percebermos que algo nos move em direção a lugares e nos afasta também deles, questionei ao Celso o que o Bonecos Cobiçados significava para ele, e a resposta foi simples, mas extremamente rica:

*“Eu sou nascido e criado no Campinho, **eu sou da comunidade**, então você cria raízes. Eu nunca quis mudar, motivo eu tive, mas mesmo com tudo o que aconteceu eu sou Bonecos e **vou morrer Bonecos!** Se perguntarem para mim eu vou dizer: minha camisa é verde e rosa. Então assim, minha história começa porque sou da comunidade, fui criado ao lado da sede, minha mãe mora ao lado da sede... você saiu da rua da minha mãe, dá na esquina você já está na sede. E em relação a escola de samba em si, ela foi pra mim a **escola** de samba. Foi ali que eu aprendi a tocar, foi ali que eu comecei a me envolver com música, meu primeiro contato foi ali, como ritmista, com chocalho, eu tenho um histórico lá, tocando chocalho, por dois anos, depois surdo... então, o envolvimento com as pessoas, as amizades que estão por aí, outras eu não tenho contato, e é gente que a gente conviveu na escola. Falo até com orgulho, eu fiz parte da bateria nota dez da Bonecos, todos os anos, nota dez. Não era que nem agora, que não tira mais dez. **A Bonecos é, para mim, no termo literal, uma verdadeira escola, uma escola de samba onde você aprende o samba ali.**”*

Celso nos aponta que para ele, o Bonecos Cobiçados é algo que está enraizado. Novamente vemos a relação visceral do indivíduo com o lugar, relacionado de modo intrínseco por vínculos familiares, com o lugar e pela sua história pessoal. Ele nos aponta, ainda que em fala, lugares que só podemos imaginar por meio das palavras que ele utiliza, assim, a casa da mãe dele, as ruas que circundam a sede e a própria sede existem, naquele momento, em sua mente, e nós os visitamos a partir da sua palavra, uma vez que a manifestação do inconsciente se dá através da palavra, como vimos anteriormente.

Ainda, Celso nos traz uma perspectiva bastante individual do Bonecos: para ele o Bonecos foi uma escola onde ele pôde aprender samba e uma porta de entrada para a música. Outras pessoas podem ter tido a mesma trajetória com escolas de samba e um lugar de aprendizado, entretanto, para cada pessoa há a marcação do individual com aquilo que é apresentado pelo mundo. Percebemos como a relação entre sua vida e a escola de samba são inseparáveis, e não é possível falar sobre um sem dizer sobre outro.

Assim como Celso traz sua mãe e amigos para dizer sobre o Bonecos, vemos Nalva mobilizar pessoas para explicar o que o Bonecos Cobiçados significa para ela. Durante a conversa com ela, o mais marcante em toda sua fala era como que Nalva marcava sua relação com a escola de samba em torno de pessoas. Sujeitos como seu pai, seus irmãos, colegas de longa data e conhecidos mais recentes em sua vida eram evocados para exprimir seus sentimentos com o lugar. Ao passo que Celso tinha nos sambas e nas disputas de samba a marcação mais evidente do seu envolvimento com a escola, Nalva tinha as pessoas. Para ilustrar o que digo, deixo a transcrição de alguns momentos em que ela se recorda de suas primeiras participações no carnaval guaratinguetaense, onde a interferência entre lugar e pessoa se manifestou de forma proeminente.

“Tinha ensaio. A gente ensaiava na corda. Tinha uma corda assim, a gente ficava atrás da corda. O pai levava a gente pra ensaiar atrás da corda (risos). Tinha que sambar e eu adorava. Eles faziam assim... um cercado e todo mundo que saia tinha que dançar ali na corda (risos). A gente ia tudo, eu a Isabel... (risos). Era uma delícia dançar na corda. Aí nós chegamos a sair, mas logo eu não sei o que aconteceu, enfraqueceu a escola. Acho que foi falta de verba mesmo. Daí acabou... ihhh, acabou o Democratas do Samba.”

Nessa passagem, Nalva traz seu pai e sua irmã Isabel para explicar como começou a participar da folia ainda no Democratas do Samba, escola de samba que encerrou suas atividades na década de 1990. A agremiação ficava no Bairro Santa Rita, onde ela morou durante toda sua vida, e por conta da proximidade com sua casa, era onde seu pai a levava para brincar carnaval.

Ao trazer a lembrança dos carnavais da sua infância associado fortemente com suas irmãs e seu pai, Nalva demonstra a relação entre o lugar e a relação afetiva que possuía com aquelas pessoas.

Ao pensar a relação que criamos com os lugares Dias nos afirma que “As pessoas transferem aos lugares aquilo que sentem por alguém e isto é possível de ser visto por meio da

palavra. Estabelecer vínculos intensos com os lugares não está separado de ter um importante vínculo com alguém associado ao lugar em questão.” (DIAS, 2019a, p.135).

Ao fazer essa relação entre pessoas e os lugares aos quais desenvolvemos afeto, Dias (2019a) introduz o conceito de transferência, onde temos a confiança e fortes ligações afetivas em movimento para garantir na análise a abertura do paciente com o analista, no caso da psicanálise. Entretanto, não é apenas nas sessões de análise em que a transferência se manifesta. Nesse contexto, Dias (2019a) afirma que as relações que criamos com as pessoas se vinculam com a forma como nos relacionamos com os lugares.

Antes de continuarmos, vale falar um pouco sobre Nalva. Nalva é torcedora da escola durante toda sua vida. Ao longo da sua trajetória como sambista, experienciou a escola de samba de forma diferente do Celso. Sua relação com o Bonecos Cobiçados é marcada como um espaço de descontração, de diversão, onde se encontrava com os amigos na juventude e onde frequenta até hoje como espaço de socialização e lazer. Entretanto, Nalva teve passagens pela escola em funções administrativas, fazendo parte da diretoria, como chefe de ala e membro da harmonia, de modo que percorreu diferentes espaços dentro do Bonecos Cobiçados. Enquanto ela falava sobre o Bonecos, tentando traduzir em palavras seu sentimento pela escola, essa relação com o lugar aparece como libertação. A passagem abaixo reflete os sentimentos pelo lugar que ela possui.

*“Nossa... o Bonecos para mim?... eh... deixa eu ver se eu sei traduzir... ai... faz parte da minha vida, você entendeu? Porque desde que eu era criança... Para mim é uma libertação de sentimento bom. Se você bem entender o que eu estou falando... é uma **libertação** de sentimento bom, porque eu sei que aquilo ali, apesar de ser cobrado, ser brigado... é uma coisa pra gente se distrair, se divertir e aproveitar aqueles três dias o máximo que você puder. Seja lá na sede, ou o momento da avenida... é um momento que você tem que estar pleno, feliz, alegre, se você não estiver não é bom nem ir. Eu penso assim, no meu caso. Então é um momento de libertação, de coisa boa... liberta coisa ruim, você entendeu? Liberta sentimento ruim que tá dentro do meu coração, do meu peito, da minha cabeça, pra libertar, pra trazer coisa boa. Por isso quando eu vou lá eu gosto de encontrar gente boa, pra conversar, se eu não estiver boa eu prefiro não ir. Porque lá, pra mim, é tudo de bom. Pra mim, precisa ter sentimentos bons, você entendeu? Vocês podem ver que quando eu tive problema lá eu vim embora na mesma hora, daquela vez no evento lá. Então pra mim Bonecos Cobiçados é isso. É... é coisa... é libertação... é alegria... é vida... porque é carnaval né. É minha escola, e um sentimento que eu trago desde criança. Mesmo não sendo campeão.”*

Aqui, vemos um sentimento sendo disparado pelo lugar especialmente referenciado, a sede da escola de samba ou a avenida onde os desfiles ocorrem. Novamente, percebemos que anterior ao lugar está alguma experiência da Nalva que lhe trouxe esse sentimento de “libertação” e que foi deslocado para o Bonecos Cobiçados. Está aqui o lugar geopsíquico no encontro entre o mundo exterior e o interior, vivido na realidade psíquica, o contato entre um espaço e a experiência anterior da Nalva, e sobre isso, existe “algo que é anterior à relação com o lugar, mas que pode se presentificar ou emergir em diferentes lugares.” (DIAS, 2019b, p.8).

Ao solicitar que ela conversasse comigo sobre sua relação com o Bonecos Cobiçados para esse trabalho, logo de início ela demonstrou preocupação sobre não saber o que dizer, e achar que poderia dizer coisas erradas. Esse receio fez com que suas primeiras respostas fossem arredias, extremamente cuidadosas e ponderadas, entretanto, conforme o tempo ia passando e suas experiências iam sendo narradas, Nalva se soltou e não se preocupou mais com o que dizia, sentiu-se à vontade. Diferentemente do que ocorreu com o Celso, que se preocupava com a distinção entre duas narrativas distintas, ela se preocupava em errar informações sobre o Bonecos ao falar sobre sua vida. Um movimento diferente, que não faz essa distinção com a escola, mas que assume possíveis falhas cronológicas, uma vez que sua experiência com o Bonecos é marcada a partir de referenciais próprios, que podem, ou não, seguir a cronologia da escola de samba.

Continuando, ao falar sobre o Bonecos Cobiçados e por qual razão gosta da escola e se envolve com ela, apesar dos pontos negativos da escola que racionalmente pesam contra a agremiação, Nalva responde trazendo nomes e sentimentos que tem por essas pessoas.

*“Eu amo o Bonecos por causa da cor. O povo simples. O povo lá é muito simples pra cacete (risos). Muito simples. Mas gente boa. Tipo o Jura... sabe? Esse pessoal? Gente sofrida. Pessoal do Bonecos é pessoal sofrido. O Homero Couto tentou levantar o Bonecos quinhentos e cinquenta vezes e não conseguiu, toda vida conheci o Homero Couto, morreu novo. A Glória, a família da Glória já morreu um monte e era tudo Bonecos Cobiçados. Cê entendeu? Um monte de irmão, já morreu um monte, até o Zé Barbante... mas ela saía de baiana até uns anos atrás, a Glória. Depois ela saiu na velha guarda. Mas agora ela não tem mais saúde, e não sai mais. **Mas são essas pessoas que a gente pega carinho e pega amor...** a dona Margarida, a Meire, elas moravam no Campinho a vida inteira, então estavam no ensaio toda noite... e a gente conhece ela tem quantos anos? **Então é... é tudo amor que a gente pega nas pessoas, cê entendeu? Eu não consigo ir lá pra quadra da Tamandaré para sair lá, eu não ia conseguir,***

xé, nem se desse (a fantasia) eu ia conseguir, que nem a Beth e a Isabel conseguiram. Eu não ia conseguir, eu não gosto de fugir. Cê entendeu?”

A relação de transferência da qual destacamos anteriormente, onde sentimentos de confiança e afeto se manifestam de forma intensa, pode ter se estabelecido entre Nalva e aquelas pessoas que ela traz em sua fala, de modo que media sua relação com o lugar, aqui, o Bonecos Cobiçados. Entretanto, lembramos que a transferência não é algo que se instaura e que possui intensidade constante, também, não se trata de algo fixo, de modo que é possível que a frequência dessa relação se altere (DIAS, 2019a).

São as relações que ela desenvolveu com pessoas ao longo da vida que assumem um papel de significação do lugar, que toma forma como Campinho e Bonecos Cobiçados, bairro e agremiação, lugares em diferentes escalas, que também existem para Nalva numa escala diferente, na escala do psíquico.

Dias (2019a) nos aponta que o lugar geopsíquico é construído e vivido no encontro das realidades geográficas e psíquicas, que existe na dobra entre o mundo externo e o mundo interno. Para Nalva, o Bonecos se torna um lugar a partir da relação de transferência que foi estabelecida com seus parentes e amigos, de tal modo que seu inconsciente trabalhe associando o ponto espacialmente marcado e georreferenciado às suas experiências naquele lugar.

Nalva, para responder sobre o significado da escola de samba para ela, mobiliza pessoas, nomes que remetem a indivíduos que de alguma forma estabeleceram relações de transferência com ela e que, assim, ocasionou a associação do lugar a essas pessoas. “Geograficamente identifico que as pessoas estabelecem relações transferenciais entre si e estas relações incidem no modo como os lugares são constituídos para cada um.” (DIAS, 2019a, p. 134)”

Assim como Nalva, Dagela traz nomes de pessoas e relações de parentescos para nos dizer como ela começou a torcer pelo Bonecos Cobiçados. Dagela é membro da diretoria do Bonecos Cobiçados desde 2006, fazendo parte da secretaria desde e então. Mas mais que isso, para quem frequenta a sede da escola e os eventos do carnaval da cidade, sempre verá uma figura trajada de verde e rosa empunhando o pavilhão da escola, o símbolo maior da escola, do qual ela é guardiã. Outra figura de grande importância na história recente da escola e que se dispôs a contar um pouco da sua experiência com o Bonecos para esse trabalho. Introduzo ela com a explicação da sua paixão pela escola:

“Hoje eu sou a guardiã do pavilhão do Bonecos Cobiçados. Faltam até palavras para expressar o meu sentimento, falta... faltam palavras. Por mais que eu tente, eu jamais vou conseguir descrever meus sentimentos pelas cores verde e rosa do Campinho. Bonecos Cobiçados é minha grande paixão, isso eu posso garantir.”

Dagela nos afirma que tem dificuldade em traduzir em palavras o sentimento que possui com a escola, apenas garante que é sua paixão. Entretanto, ela traz o pavilhão no início da sua fala, um dos elementos constituintes da identidade de uma escola de samba. Além disso, o bairro e as cores da agremiação acompanham essa tentativa de transmitir um sentimento.

Podemos perceber que a comunidade e seus elementos constituintes também são convocados para complementarem a explicação – ou tentativa de explicação – do motivo pelo qual Nalva e Dagela são envolvidas com o Bonecos Cobiçados. Para Dagela, o pavilhão aparece, enquanto para Nalva, além da cor mencionada na fala destacada anteriormente, outros elementos foram mobilizados na busca da razão que a fazia *ser* Bonecos Cobiçados, como vemos a seguir.

*“É o bairro, a escola, é... **são as pessoas**, sabe? É a bandeira. Eu vejo aquela bandeira verde e rosa... sabe, o carinho que as pessoas tem, o respeito, a quadra... embora seja uma coisa tão pequena, a quadra, eu entro lá dentro e eu me sinto bem. Quando junta todo mundo, quando começa aquele hino ‘ô ô ô ô ô’, sabe? Nossa isso faz bem pro meu coração, para minha alma. Nem quando eu estava sozinha, sem parceiro, eu não ia lá nunca para procurar alguém. Não! Eu ia lá porque **eu sentia prazer em estar lá!** Eu ia para a avenida sentindo prazer! Quando tinha aqueles esquentas, aquelas coisas na **Praça da Estação**... Nossa Senhora de Aparecida! Para mim era um momento de explosão dentro de mim. Era uma coisa gostosa... e a hora que o Bonecos entra na **Avenida!** Parece... olha... é a melhor sensação do mundo depois do nascimento dos meus filhos, é ver o Bonecos entrar na **Avenida!**”*

Diante dessa rica passagem, é interessante destacar o fato de ela entender que o que a faz se entender enquanto torcedora do Bonecos são as pessoas que também se dizem Bonecos Cobiçados. Vemos mais uma vez a construção do lugar por meio da relação de transferência. Para Nalva, o lugar são as pessoas, e as pessoas a remetem ao lugar Bonecos Cobiçados.

Além desse reforço ao que vínhamos discutindo, vemos a forte associação que Nalva nos traz entre seus sentimentos e o lugar da escola de samba. Acerca disso, percebemos que o Bonecos Cobiçados, apesar da sua sede, não é um corpo inanimado e fixo no espaço. Nalva nos

mostra, em poucas frases, e nos leva a acompanhá-la por diferentes espaços dentro da cidade que estão associados à escola de samba.

Inicialmente, acerca da quadra, o “apesar” nos mostra que o tamanho reduzido da quadra social da escola não parece impedimento para que grandes coisas possam acontecer, ainda que elas aconteçam na realidade geopsíquica da Nalva, ou seja, na dobra entre aquilo que ela traz consigo e daquilo que existe materialmente que é a quadra, e nesse encontro, sentimentos bons podem emergir, como o prazer que ela diz sentir. “Quando estamos circunscritos *in loco* e no momento da experiência, estamos no lugar geopsíquico, porque estamos em um ponto geográfico da Terra, mas vivendo-o sob nossos signos ou através da realidade psíquica.” (DIAS, 2019a, p.123)

Ainda, acerca dos espaços que ultrapassam a sede, vemos como que a experiência urbana pode ser marcada por conta da realidade geopsíquica. A Praça da Estação e a Avenida trazidas pela Nalva em sua narrativa sequer possuem esses nomes, sendo Praça Condessa de Frontin e Avenida Presidente Vargas seus respectivos nomes. Entretanto, mais que uma correção, se Nalva assim os denomina é em função das suas experiências vividas nesses espaços, e como ela nos indicou, tem o atravessamento da escola de samba Bonecos Cobiçados.

Não aleatoriamente, nessa Praça acontecem eventos de pré-carnaval onde as escolas de samba da cidade se apresentam com suas baterias, baianas, casais de mestre-sala e porta-bandeira, e outros setores. E na Avenida é onde ocorrem os desfiles, o momento mais importante para as escolas e seus torcedores. Dessa forma, estamos falando de alguma coisa que não se limita a um ponto geograficamente referenciado, mas que ainda assim se corporifica e se materializa em espaços distintos, não sendo fixo, assim como “A realidade geopsíquica mesmo que tenha uma cadeia de significantes operando no sujeito, não é fixa, da mesma forma os afetos e significados dos lugares.” (DIAS, 2019a, p.135).

Aqui, novamente vemos a relação entre diferentes lugares que de alguma forma estão encadeados, como observamos com o Celso anteriormente em suas recordações sobre a escola de samba. Nalva viaja entre diferentes pontos da cidade para falar sobre o Bonecos Cobiçados. Dessa forma, é na dobra entre o que está apresentado no mundo externo com aquilo que está em seu mundo interno que o Bonecos Cobiçados é entendido como lugar geopsíquico. Mais que apenas um único ponto referenciado espacialmente, vimos que essa relação com a escola de samba ultrapassa o bairro do Campinho e a quadra social da agremiação, e alcança outros

pontos da cidade, transformando sua experiência urbana através dos afetos construídos pelas pessoas que são o Bonecos Cobiçados.

Ainda, percebemos que não há uma marcação temporal fixa nesse resgate de memórias. Tanto Nalva quanto Dagela retornam à infância para contar sobre suas aproximações com a escola. Dagela nos faz o seguinte relato sobre sua experiência com a escola:

“Eu, ainda com 6 anos de idade, tinha muito contato com a escola não de sair porque eu ainda era muito criança e naquela época não podia com 6, 5 anos de idade. Mas tinha uma tia que morava na minha casa que saía na ala do Tatu, que foi ex-presidente do Bonecos, e que até hoje é uma pessoa muito atuante na escola. E ela fazendo parte da ala dele, eu... todo ano ela saía nessa mesma ala dele, então o que aconteceu: eu fui participando a partir disso, quando ela desfilar eu queria ir sempre junto, mas depois as fantasias eram guardadas na minha casa, foi nessa idade que eu tinha contato com a escola, e acredito que desde então eu passei a ter contato com a escola

*O que me fez torcer pelo Bonecos... como eu digo sempre: sentimento a gente não explica, a gente sente. E como eu disse anteriormente o contato que eu tive muito pequena com a escola foi assim... como posso dizer... aos poucos eu fui me inteirando... fui pegando idade, eu fui me aproximando mais da escola. Vamos dizer... na juventude eu ia nos bailinhos que tinha na sede, isso foi na década de 1970 pra 1980. Então foi aí o contato efetivo mesmo, então eu gosto do Bonecos desde criança, desde 6, 7 anos de idade. Mas desde quando eu comecei a gostar... acho que desde sempre, **eu sinto como se o Bonecos fizesse parte de mim desde sempre, desde sempre. As cores verde e rosa estão dentro de mim desde sempre.**”*

Já Nalva traz o seguinte relato:

“Quando eu era menina, moça, mocinha, menina. Eu gostava porque meu pai me levava pra avenida do carnaval... íamos eu, minha mãe, meu pai e meus irmãos. Eles levavam a gente lá pro Democratas do Samba. Só que daí, tinha uma vizinha, a Glória, que era do Bonecos Cobiçados, e ela e o marido vieram morar perto da gente. Eles eram conhecidos do pai de infância e começaram a levar a gente pro Bonecos, lá para quadra, para desfilar.

Daí a gente começou a desfilar e era uma delícia, porque..., porque a gente não tinha desfilado e era uma delícia. Daí tinha que pagar a fantasia, a gente ia lá pegar, e pra gente era a maior alegria do mundo. Porque era mais organizado, a gente tirava... eh... eh... pegava

o número da sandália da gente, tirava medida, diferente do que é agora, que é tudo igual pra todo mundo.”

Nessas passagens notamos a variação do tempo que não segue uma linha cronológica ao ser lembrada, ela surge conforme a fala. Além disso, percebemos que essa relação é intermediada por relações de parentesco e possuem suas origens na infância. A formação da comunidade carnavalesca do Campinho e do Bonecos Cobiçados é atravessada, dessa forma, pela proximidade das pessoas com a escola e com as trocas entre parentes. Para Dagela, a tia que desfilava e retornava para casa com as fantasias, para Nalva, o pai que gostava de levar os filhos para o carnaval.

Dagela, em outro momento da conversa, nos aponta para algo que havíamos discutido anteriormente quando falávamos sobre os elementos que constituem uma comunidade, e também para como podemos explicar sentimentos e essa sensação de pertencimento, algo que não é fácil de perceber, como vimos acima. Entretanto, ela traz o seguinte apontamento:

*“O pavilhão verde e rosa pra mim do Bonecos Cobiçados é a **materialização pra mim do meu sentimento**. Eu acredito que ali esteja todo o meu sentimento, toda minha dedicação, todo meu amor, meu respeito, minha honraria pela escola de samba Bonecos Cobiçados. Está traduzido no pavilhão verde e rosa que eu, hoje, tenho a honra de ser a guardiã e conduzir nos eventos das coirmãs, daqui de Guaratinguetá. Até porque aqui em Guará, além do Bonecos, só tem mais 5 escolas de samba, então eu tenho a honra de conduzir o pavilhão nos eventos da Organização das Escolas de Samba (de Guaratinguetá – OESG). **Pra mim, como eu disse, o meu amor está representado no pavilhão do Bonecos Cobiçados**”.*

Dagela afirma que o pavilhão é a tradução do seu amor. Anteriormente vimos que ela diz sobre a dificuldade de falar sobre sentimentos, mas agora suas palavras nos dizem que está no pavilhão o seu amor, respeito e honra com a escola de samba. Ela condensa num objeto seu sentimento sobre um lugar, sobre uma comunidade e sobre uma escola.

Há, momentos em comum nas falas do Celso, da Dagela e da Nalva. Todos os três trouxeram o samba de 1977 em algum momento da conversa, que tinha como enredo o autor baiano Jorge Amado. Esse samba é inspirado no samba de exaltação da escola, que conforme Celso me contou, se tornou exaltação depois de ter sido apresentado no carnaval de 1958. O samba de 1977 está disponível online na voz do Celso, que se orgulha de ter gravado em 2002 e preservado ao samba que os três concordaram que se trata de uma obra-prima.

Dagela: “E tem também o samba do Jorge Amado, que é de 77, que pra mim é considerado uma obra-prima. Tem o de 1982 e de 2007 que foram marcantes para mim, e marcaram data né, um de 25 anos e o outro de 50, mas o do de 77... ele foi muito, muito bom, e era mais ou menos assim: ‘Jorge Amado da Bahia de Xangô e Oxóssi!’”

“Nalva: Jorge Amado? Ah... porque levantou a avenida né. Fez todo mundo cantar. Que nem o samba do Bonecos... ‘ô ô ô ô Bonecos Cobiçados chegou’. O ‘Jorge Amado da Bahia de Xangô e Oxóssi’ foi fácil do povo pegar... ‘das ladeiras dos mistérios do princípio do Brasil / na avenida esse ano / o Bonecos com alegria sua obra vem mostrar / contos consagrados’ porque fala de novela, de coisas... ‘Gabriela tão bonita, Cacau e Dona Flor / fala da história mais pura dessa gente que navega / mil raízes espalhou ô ô ô / ô ô ô ô Jorge Amado que é obá de Xangô / ô ô ô ô Jorge Amado saravá agô agô / a festa do Bonfim, o Pelourinho as flores / Capitães de Areia na infância novos marginais / Iemanjá tão linda / todas as ondas pescadores vem mostrar / Jubiabá feitiço, Zumbi ponto brilhante / no céu a encantar / e Mãe Menininha que vive e reina na Bahia / é senhora lá do Cantois ô ô ô ô’. Então foi um samba fácil de pegar. Todo mundo sabia cantar. Era um samba fácil de cantar, é uma história né...”

Celso – “Em 2002 aconteceu de me convencerem e eu fazer o samba, e eu considero uma das participações mais valiosas minha na escola, além de eu ter feito o samba eu abracei a causa, eu cheguei a colocar minha caixa de som no ensaio várias vezes, porque as vezes chegava no ensaio e as aparelhagens não estavam funcionando, e eu já era músico, então eu ia em casa e levava para a quadra a aparelhagem. O Rodrigo (presidente da escola no período), era filho do Jonas, e o Jonas tinha uma paixão pelo samba do Jorge Amado, que é mesmo um samba maravilha, e na época poucas pessoas sabiam cantar, hoje talvez mais pessoas saibam por causa da gravação, mas na época eu era um dos poucos. Daí a gente foi pro Rio gravar o samba do di Cavalcante e eu fui junto. Fomos pro estúdio e o Rodrigo, a pedido do Jonas falou comigo, pediu para eu gravar o samba do Jorge Amado, eu disse que gravo, já estava lá, tudo casou, ficou conveniente. Daí eu gravei. Aliás naquele ano eu fui super elogiado. E acabou que a gravação do samba de 77 só aconteceu em 2002. Sobre o hino da escola, eu conheço um pouco dessa história, o Albertinho Limongi era presidente da época, conversou com o Flávio (compositor do samba de 77), essa é a história que eu fiquei sabendo, ele conversou com o Flávio e pediu para o Flávio fazer o samba com o ‘ô ô ô ô ô’, por causa do hino. Então por isso tem o ‘ô ô ô ô ô Jorge Amado...’, é por causa do hino. O hino é de 58, o hino se tornou hino, ele era um samba enredo de 58, e se tornou hino. O que hoje é chamado

de hino foi o samba-enredo do Bonecos de 58. E a composição dele é de uma pessoa ligada a Embaixada do Morro, eu não o conheci. só conheci a história, ele era ligado a Embaixada do Morro.”

Um mesmo samba, uma mesma escola de samba, falando sobre um mesmo personagem, mas três justificativas diferentes para elegê-lo como um grande samba, três experiências diferentes atravessadas por um samba e demonstradas por meio da linguagem.

Ainda, outro ponto em comum na fala dos três é a vontade de seguir sendo Bonecos Cobiçados. Seja a chama que insiste em continuar com o Celso, ou a sensação de libertação da Nalva, ou a paixão sem explicação da Dagela, os três afirmaram a mesma coisa: Vou morrer Bonecos Cobiçados.

Dagela: *“Na última gestão eu fui vice presidente, e desde 2006 eu faço parte da diretoria na parte da secretaria, então eu cuido, vamos dizer assim, da parte administrativa da escola. Porém, eu já fui chefe de ala por longos anos na escola. Eu já participei do barracão na confecção dos carros alegóricos, já ajudei a fazer fantasia pra escola... já sai na ala das crianças, já sai na harmonia da escola... então é... vai passando... eu já empurrei carro alegórico na avenida, e isso não é demérito, aliás é uma função que tem um grande valor, porque quando você tá ali conduzindo as alegorias, ou seja, os carros, você tem uma responsabilidade imensa em suas mãos. Então, acho que por essa passagem na escola, por vários setores da escola e estar sempre ali presente... eu virava noite no barracão na confecção dos carros, como chefe de ala virava a noite fazendo fantasia, ia pra são Paulo comprar material... então, quando a gente gosta e tem aquele amor gigante, **a gente ultrapassa até as barreiras físicas e psicológicas da gente para estar junto ali defendendo as cores verde e rosa.** Então o que eu posso dizer é que é isso que talvez tenha sido isso a mola propulsora para que eu conseguisse estar junto **com o Bonecos, e pretendo estar por longos anos.**”*

Celso: *“Eu sou nascido e criado no Campinho, **eu sou da comunidade**, então você cria raízes. Eu nunca quis mudar, motivo eu tive, mas mesmo com tudo o que aconteceu eu sou Bonecos e **vou morrer Bonecos!***

Nalva: *O Bonecos é essa coisa que é, mas é uma mini Mangueira que a gente é apaixonado. Eu pelo menos, eu sou... eu sou demais. Se eu tivesse dinheiro eu juntava assim, pelo menos fazer campeão um ano. Mas eu gosto do Bonecos, pra caramba. **Sou Bonecos Cobiçados até morrer.***

Três pessoas que na individualidade interagem com o lugar a partir de suas experiências anteriores. Onde na dobra topológica do mundo externo – material – com o mundo interno – psíquico temos o lugar geopsíquico da escola de samba Bonecos Cobiçados, que existe de forma única para cada um deles. É nessa realidade geográfica e psíquica que podemos encontrar respostas para os afetos que se desenvolvem com os lugares, no nosso caso, com o Bonecos Cobiçados.

4. “E nós, de Bonecos Cobiçados, para sempre seremos lembrados!”

Diante disso, ao fazer esse passeio pelos lugares geopsíquicos das pessoas entrevistadas que perpassam pela Escola de Samba Bonecos Cobiçados, tendo como intermédio a linguagem, pudemos identificar alguns elementos que contribuem para a construção dos sentimentos que envolvem a escola de samba e seus componentes.

Ao mobilizar os conceitos de identidade e comunidade, notamos a importância do lugar para as escolas de samba e suas comunidades, assumindo o lugar como essencial na história das agremiações.

Vimos também, ao longo do trabalho, o papel de enorme relevância que as pessoas possuem nesse processo, desde a constituição de comunidades, por meio de relações de parentesco e amizade, até pelas relações transferenciais que são deslocados para os lugares experienciados.

Notamos, com o auxílio das entrevistas com o Celso, com a Nalva e com a Dagela, que o lugar é construído por pessoas, de modo que podemos afirmar que o Bonecos Cobiçados, para além de seus elementos constitutivos como cor, pavilhão, bateria, entre outros, é uma agremiação estruturada por pessoas. Essa afirmação contribuí com que já é sabido acerca das escolas de samba serem instituições culturais e sociais, ao inserirmos a perspectiva do lugar geopsíquico. Para além da materialidade do Bonecos Cobiçados, vimos que ele existe para cada pessoa de forma distinta, e cada uma a compreende de maneira diferente com base em suas experiências que são anteriores aos momentos que se passam naquele lugar. Ou seja, concluímos que ele é experienciado, também, na realidade psíquica de cada um. São momentos distintos da vida do indivíduo que podem se presentificar a partir de um lugar, que serão vividos, entretanto, apenas em suas mentes.

Não obstante, mais do que uma instituição social que se constrói em torno de pessoas, podemos assumir que esse lugar vivido na dobra topológica entre o mundo externo e o mundo interno, inclui as relações transferenciais que estabelecemos com outros indivíduos. Vimos, com base nos relatos das conversas, que existe um deslocamento das relações entre pessoas e lugar, de tal modo que é possível se estar no Bonecos e se sentir bem por existir o deslocamento de afetos com parentes e amigos, que são disparados no lugar.

Pudemos, ao longo do texto, nos aproximar do entendimento sobre a razão que nos mantém enlaçados com determinados lugares, ao ouvir de Celso sobre uma força interna que o

impedia de se afastar definitivamente da escola, e que constantemente o movia na direção da sua Bonecos Cobiçados. Essa força identificamos como pulsão. Também o Celso nos demonstrou o papel da linguagem como a forma de manifestação do inconsciente, e dessa maneira, observamos as diferentes experiências com o Bonecos Cobiçados a partir de um único artigo feminino.

Trago um último relato para encaminhar o encerramento desse trabalho. Acredito que ele exemplifique o que discutimos até então. Nalva estava falando sobre seus sentimentos que envolvem o Bonecos Cobiçados e nos deu a seguinte passagem:

“Quando eu entro lá (sede) eu lembro quando eu era criança, vem lembrança boa, gostosa. Lembrança de quando eu era menina e a Glória me levava lá. E eu lembro... a quadra era daquele jeito até o Arilson mandar arrumar, e sempre foi daquele jeito, nunca foi mexido desde que eu era criança. Agora tá bonito, mas não mudou o formato, tá do mesmo jeito. Eu entro lá vem essas lembranças boas, do tempo que a gente corria pra pegar as fantasias, ia lá... entendeu? E não era aquela briga toda que é hoje, era uma coisa mais... mesmo não ganhando, o Bonecos, parece que o pessoal respeitava mais... era bem organizado, tinha que pagar direito, se não pagar não pegava fantasia, daí vinha outro que queria. Então era mais tranquilo e não essa loucura que é hoje. E outra... não é só lá no Bonecos, é em todo lugar, você chega e pega fantasia sem dinheiro. Serve pra todo mundo... antes não, tinha nome, medida, tudo certinho. Até perdia, a escola perdia, mas perdia o componente, perdia o dinheiro, mas quem que dava furo? Hoje não mais. E não é só o Bonecos não, são todas as escolas. A vida mudou, as coisas mudaram... tá desse jeito...”

Nessa passagem, o inconsciente de Nalva está presente. Ela nos afirma que ao entrar na quadra está revivendo experiências que nós só podemos conhecer por meio da sua fala. Ela põe diante de nós diversas temporalidades que, para ela, coexistem num lugar, e são disparadas ao estar num lugar. Ela entra na sede e algo lhe vem, o formato da quadra é o mesmo, mas agora está diferente, as fantasias eram feitas sob medida, agora não mais, e não é algo exclusivo do Bonecos. Tudo isso vem em sua fala numa tentativa de traduzir aquilo que lhe passa internamente, é o seu inconsciente se manifestando e transmitindo pela palavra algo que não podemos ver, algo que é dela. Está aí, nessa fala, o contato entre o mundo externo – quadra – e o mundo interno – suas lembranças –, está aí o lugar geopsíquico para Nalva, a significação do Bonecos Cobiçados a partir das experiências da Nalva.

Dessa forma, podemos concluir que o Bonecos Cobiçados não é uma única coisa. Ele não é apenas sua sede, ou seu pavilhão, ou sua bateria: ele **também** pode ser entendido a partir desses elementos que constituem sua identidade. **O Bonecos é único para cada pessoa.** E essa diferenciação acontece no contato entre as experiências individuais com esses lugares e elementos que compõe a imagem da escola de samba. Para alguém que nunca estabeleceu qualquer contato com a escola, ela pode ser apenas uma sede com as paredes coloridas em determinado bairro da cidade, e não significar nada. Entretanto, a escola também pode significar tudo para alguém, como observamos nos relatos trazidos na seção anterior.

Estamos falando de lugar geopsíquico, algo que só pode ser vivido na realidade psíquica, logo, algo que se presentifica no encontro do que é externo e do que é interno. Ele existe a partir da linguagem, que externaliza aquilo que acontece no encontro das realidades geográficas e psíquicas, e não pode ser observado nem encontrado espacialmente por quem não o viveu e conta sobre o que viveu. Dessa forma, chegamos ao ponto em que Dias (2019a) afirma que o lugar não existe, que é perdido e não é idêntico, mas que pode existir na linguagem, onde ele emerge e está. O Bonecos Cobiçados pode ser encontrado na esquina entre a Rua São Roque e a Rua São Sebastião, pode ser identificado em seu pavilhão, na sua comunidade, no toque da sua caixa e nas suas cores, mas ele se torna lugar com o contar das pessoas sobre suas experiências. Se é a partir da experiência e com a linguagem que o lugar pode existir, ele necessita de tempo para acontecer, de um intervalo entre o acontecer e o contar (DIAS, 2019a).

Nessa esteira, o título desse capítulo é um verso do samba-exaltação do Bonecos Cobiçados que também aparece na epígrafe do capítulo 2: “E nós, de Bonecos Cobiçados, para sempre seremos lembrados”. Esse trecho, mais que um lema cantado de forma visceral por cada torcedor da escola, contribui para nossa discussão ao trazer elementos que dizem sobre a linguagem e o lugar. Esse verso diz sobre um desejo, uma recordação e uma afirmação: quem o canta deseja ser lembrado, recorda quem já se foi e, nesse movimento, afirma que ninguém jamais será esquecido. Mas ao fazer isso, não diz que o Bonecos Cobiçados jamais será esquecido, e sim que as pessoas de Bonecos Cobiçados jamais serão esquecidas. O que será recordado são as experiências das pessoas que atravessaram e foram atravessadas pela escola, e com isso, o lugar pode emergir nas realidades psíquicas de cada um que perpetuará a memória da agremiação. O intervalo entre a experiência e o contar dela é o que permite o lugar geopsíquico existir. E ao ser recordado, o Bonecos nunca será o mesmo, será a história individual de cada pessoa que vivenciou o lugar e o narra a partir de sua perspectiva, tendo os elementos que o constitui inseridos nesse contar, sejam eles outras pessoas, cores, pavilhão, etc.

Se pode ser recordado, pode ser contado, e ao ser contado há a possibilidade de estarmos falando sobre lugar geopsíquico, conforme Dias (2019a).

Enfim, o Bonecos Cobiçados é feito de pessoas, pessoas que jamais serão esquecidas, e enquanto elas forem recordadas, o Bonecos será mais que um prédio, uma bandeira ou um conjunto de cores, ele também será um lugar.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, André Nunes de. *A Reforma urbana do Rio de Janeiro pelo Presidente Rodrigues Alves: o progresso como forma de legitimação política*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011
- BAUMAN, Zygmunt. *Community: Seeking Safety in a insecure world*. Ed. Polity Press, Cambridge, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003. 141pp.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p.20-28, abr. 2002.
- BONECOS COBIÇADOS, *A história da pipa, símbolos, mitos e lendas da China, as descobertas científicas*. 2004. Disponível em:
- BONECOS COBIÇADOS. Di Samba, Di Mulata, Di Guaratinguetá, fez-se Arte Brasileira, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9spqUWtSbJ0>
- BONECOS COBIÇADOS. Mata o véio. 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=orXVHWwrHJo>
- CABRAL, Sérgio. *Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. São Paulo: Lazuli Editora, 2012.
- CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. *Dicionário Tupi (antigo) português*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987.
- CORREIO PAULISTANO. *Guaratinguetá*, 5 fev. 1900.
- COSTA, Flávia Ferreira Lopes da. *Construção identitária de escolas de sambas-exaltação: uma perspectiva dialógica*. 2018. 124f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. *Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia*. 2019. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, 2019a. 172f.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. *Lugar geopsíquico: o inconsciente entre as terras da psicanálise e da educação geográfica*. XIII ENANPEGE. São Paulo, 2019b.
- EMBAIXADA DO MORRO. *A Fé não costuma falhar*. Carnaval 99, Samba enredo Guaratinguetá. 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pZ6KaemL660&t=1139s>
- EMBAIXADA DO MORRO. *E a moda virou samba nos versos de Noel*. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8n6E_ITeims
- EMBAIXADA DO MORRO. *Guaratinguetá, desculpe a demora*. Carnaval 84, Guaratinguetá. 1984. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dQ6Fi_rmCkg

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à Psicanálise*. [1916-1917a]. (Edições Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

G1, *Projeto ensina como é uma escola de samba para jovens e crianças em Guaratinguetá*. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/carnaval/2020/noticia/2020/02/10/projeto-ensina-como-e-uma-escola-de-samba-para-jovens-e-criancas-em-guaratingueta.ghtml>. Acesso em: 30 maio 2022.

GALVÃO FILHO, C. E. P. Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica / Geosophy as a cordial geography: Josué de Castro's work as an ontological insurrection. *Geograficidade*, v. 8, n. 2, p. 122-138, 6 nov. 2018.

GUARATINGUETÁ. Bruna de Castro Maia. Câmara Municipal de Guaratinguetá. *História de Guaratinguetá*. Disponível em: <https://camaraguaratingueta.sp.gov.br/historia-de-guaratingueta/>. Acesso em: 29 maio 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IVAN, Marcos. *TRADIÇÃO: Guaratinguetá vive edição 265 da Festa de São Benedito e São Gonçalo*. 2022. Canal 39. Disponível em: <https://canal39.com.br/noticia/690/tradicao-guaratingueta-vive-edicao-265-da-festa-de-sao-benedito-e-sao-goncalo/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

LOPES, N SIMAS, Luiz Antônio. *Dicionário da História Social do Samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 335p.

MATOS, Marcelo Pereira. *O Rio de Janeiro das escolas de samba: lugar, identidade e imagem urbana*. 2005. x, 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2005.

MOCELLIM, A. D. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. *Plural*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 105-128, 2010. DOI: 10.11606/issn.21768099.pcs0.2010.74542. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74542>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MOREIRA, Ruy. *A Formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da Geografia do Brasil*. 2ªed. Rio de Janeiro. Consequência, 2014.

PASIN, J. L. A participação política do Vale do Paraíba no processo da Independência. *Revista de História*, [S. l.], v. 45, n. 92, p. 501-506, 1972. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1972.131873. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131873>. Acesso em: 1 jun. 2022.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

RAMOS, Melissa Ferreira. *Re-existência e ressurgência indígena: diáspora e transformações do povo Puri*. 2017. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017.

REIS, Paulo Pereira dos. *O indígena do Vale do Paraíba: apontamentos históricos 79-0169 para o estudo dos indígenas do vale do paraíba paulista e regiões circunvizinhas*. São Paulo: Estado de São Paulo, 1979. (Coleção Paulística; V. 16).

SALGUEIRO. *Símbolos. Acadêmicos do Salgueiro.* Disponível em: <http://www.salgueiro.com.br/simbolos/> Acessado em: 19/06/2022.

SANTOS, Paulo. *Agremiações Inativas.* s.d. Colaboração do Museu Frei Galvão. Disponível em: <https://carnavalguaratingueta.blogspot.com/p/escolas-de-samba-inativas.html>. Acesso em: 29 maio 2022.

SOUZA, M. de M. e. Reis do Congo no Brasil, séculos XVIII e XIX . *Revista de História, [S. l.]*, n. 152, p. 79-98, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i152p79-98. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18998>. Acesso em: 1 jun. 2022.

TUAN, Y.-F. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista / Space, time, place: a humanistic frame. *Geograficidade*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 20 nov. 2011.

TUAN, Y.-F. Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. *Geograficidade*, v. 8, n. 1, p. 4-15, 28 out. 2018.

VEIGA, Edison. *Quem foi Frei Galvão, primeiro santo brasileiro, canonizado há 15 anos.* 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61392300>. Acesso em: 01 jun. 2022.